

Alívio da Tensão em Cuba: Cessado o Bloqueio lanque e Retirados os "IL-28"

Leia na 3ª página o texto da carta de Fidel Castro a U Thant

PREÇO

20

CRUZEIROS

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de novembro de 1962 — N° 197

Mobilização dos trabalhadores para derrotar manobras patronais

Salário Mínimo de 80% e 13º Mês Integral Para Enfrentar a Carestia

Enquanto se anuncia que o Governo pretende decretar o novo salário mínimo a partir de janeiro e tomam vulto as manobras patronais para eludir o pagamento aos trabalhadores de 13º salário, estes intensificam em todo o País a batalha para conquistar as reivindicações formuladas pelo Comando Geral dos Trabalhadores. Em São Paulo, na capital e diversos municípios do Interior (foto), realizam-se comícios e passeatas de operários em defesa dos novos salários e contra a carestia. Na Bahia, os trabalhadores convocaram para o próximo dia 28 uma greve geral contra a carestia. Leia reportagem nas páginas 2, 3 e 8.



REALTAMENTO BRASIL-URSS: ANIVERSÁRIO

O Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS promoverá, sexta-feira, dia 23, no auditório do Ministério da Educação e Cultura, solenidade comemorativa do 1º aniversário do realtamento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Após a sessão solene, que será iniciada às 20 horas, será exibido um filme soviético de longa metragem.



Construtoras e Imobiliárias Exploram 120 000 Operários da Construção Civil: GB

Reportagem na 2ª página

Reforma Bancária: Projeto Faraco Não Muda Nada

Reportagem na 3ª página

Com Greve de 72 Horas Gráficos e Jornalistas Selaram Unidade

Reportagem na 8ª página

Escritor Brasileiro Acusa Aliança Para o Progresso: Macartismo e Policialismo

Texto na 3ª página

Que São as
Ligas
Camponesas?

Artigo de
Rui Facó,
na 5ª página

Paz e Socialismo

Orlando Bomfim Jr.

O BLOQUEIO de Cuba foi suspenso. Kennedy reafirmou o compromisso, assumido em carta a Khrushchov, de que os Estados Unidos não invadirão Cuba. A crise do Caribe evoluiu, assim, no sentido de uma solução através de negociações, afastando-se o perigo de guerra nuclear que pesou sobre os povos e que por um triz não se transformou em trágica realidade.

OS ACONTECIMENTOS das últimas semanas vieram confirmar uma vez mais a justiça das teses do XX Congresso do PCUS e das Conferências dos Partidos Comunistas e Operários sobre a questão da guerra e da paz. Sendo a guerra uma consequência permanente do capitalismo, o perigo de uma nova guerra mundial ainda subsiste. Vimos como a ação agressora do governo norte-americano, bloqueando Cuba e chegando a iniciar os preparativos de invasão da ilha, colocaram a humanidade às bordas da catástrofe atômica. Mas também é certo que já se passaram os tempos em que os imperialistas podiam por seu arbítrio decidir (como antes desgraçadamente decidiam) se deve ou não haver guerra. Hoje, a vontade da paz dos povos se apóia em poderosas forças, entre elas o campo socialista e um número crescente de Estados da Ásia, da África e da América Latina, também interessados em impedir a deflagração de um conflito mundial. Vimos como a União Soviética, fiel aos princípios de coexistência pacífica, soube orientar sua conduta, durante a crise, com serenidade e firmeza, de modo a impedir que a catástrofe iminente se abatesse sobre a humanidade.

A PAZ foi salva. E estas palavras tão simples possuem uma fantástica significação, porque mal podemos imaginar as devastadoras consequências de uma guerra atômica, a imensidade dos horrores que provocaria. Ao mesmo tempo, Cuba foi defendida de uma agressão em andamento. Está agora mais consolidado o direito de autodeterminação do povo cubano, que vem a ser o direito de seguir o destino que escolheu, de construir o socialismo em seu país. Não se trata, evidentemente, de que o sr. Kennedy tenha dado uma garantia nesse sentido, estando afastadas todas as ameaças. Nada disso. As ameaças persistem e em consequência, o movimento de solidariedade a Cuba deve prosseguir e ser mesmo intensificado. Da mesma forma que, embora tenha sido salva a paz, o perigo de guerra subsiste, exigindo que a luta pela paz continue com vigor crescente. O de que se trata é que o chamado problema cubano, antes objeto de manobras do imperialismo norte-americano nos escusos corredores da OEA, passou ao plenário da ONU e foi perante todos os povos do mundo que o governo lanque se viu forçado a assumir o compromisso de coexistir com um país socialista na América Latina.

ESTÃO assim se tomando vitoriosos os princípios da coexistência pacífica, que constituem o fundamento da política externa dos países socialistas. A competição entre os países socialistas e os países capitalistas se coloca, então, na base da emulação econômica. Quais as consequências que daí decorrem? O certo é que, conforme se assinala na Declaração da Conferência dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários, realizada em 1960 em Moscou, o regime socialista, nas condições de paz, revela cada vez mais amplamente a sua superioridade sobre o regime capitalista em todos os ramos da economia, da cultura, da ciência e da técnica. Dessa forma, a política de coexistência pacífica, ao mesmo tempo que corresponde aos interesses vitais de todos os povos, libertando-os dos horrores da tragédia atômica, contribui para o fortalecimento das posições do socialismo. «A paz é um aliado fiel do socialismo, uma vez que o tempo trabalha pelo socialismo e contra o capitalismo.»

OS ACONTECIMENTOS das últimas semanas tornaram mais favoráveis as condições para a vitória do movimento de solidariedade a Cuba e da luta em defesa da paz e não de contribuir sem dúvida no sentido de redobramos nossos esforços com êxito objetivos.

Secundaristas
em Greve
Contra
a Escorcha

Texto na
2ª página

O Papel
Progressista
do Setor
Estatal

Artigo de
R. Avakov e
R. Andreasian,
na 4ª página

Os Comunistas
Gaúchos
e as Eleições

Artigo de
Eloy Martins,
na 4ª página

Processo-Farsa Condena Jofre Corrêa Neto a Vinte Meses de Prisão

Texto na 2ª página

China Suspende Fogo e Vai Retirar Tropas: Proposta de Paz

Texto na 3ª página

Aprovada Sindicalização Rural: Nôvo Decreto Atende Reivindicação do CGT

Texto na 3ª página

Processo-Farsa Condena Jofre Corrêa Neto a Vinte Meses de Prisão

O DNER E A GRATIFICAÇÃO POR RISCO DE VIDA E SAÚDE

Manoel R. Bonfim

Bauri, S. Paulo (De São-themes Jofre, enviado especial) — A defesa de Jofre Corrêa Neto, feita pelo advogado Cicero Viana, retratou o processo contra aquele líder camponês, redimindo-o à sua verdadeira condição de peça forjada com a finalidade exclusiva de "tirar Jofre, por algum tempo, de circulação", como provam as contradições absurdas em que caíram as testemunhas de acusação, em seus depoimentos. A defesa, detendo-se quase que exclusivamente nessas contradições, provou, de maneira arrasadora e incontestável, a inexistência de provas contra Jofre, na farsa tramada pelos latifundiários da Jacutinga, apoiados num dispositivo policial que tenta barrar a marcha do desenvolvimento político dos homens do campo, já agora conscientes dos seus direitos e dispostos a lutar por eles.

lança a verdadeira história da cidade policial armada contra Jofre. As valetas foram mudadas para a própria administração da fazenda e os fios telefônicos foram cortados por idéntica ordem, tudo no sentido de intimidar Jofre Corrêa Neto e complicá-lo, quando ele estava pacificamente na Colônia, tentando resolver amigavelmente a questão que antepunha patrão e empregados, buscando sem ordem nem mandado para tanto, prendendo um cidadão inocente e que nenhum crime praticava, isto também não acontece por acaso.

«Tem Jofre Corrêa Neto nome e fama de líder dos trabalhadores do campo em São Paulo; trabalhadores estes que, a exemplo de seus irmãos do resto do Brasil, despertaram para a luta por melhores condições de vida e rebelaram-se contra a exploração e a miséria. E fazem hoje e têm líderes e têm associações de classe e têm idéias e têm reivindicações a levantar. Para os donos da terra, isto é o fim do mundo. É a subversão da ordem, é a derrubada do regime».

«Enganam-se, porém, apenas a prenúncia do alívio da redenção dos milhões e milhões de brasileiros famintos, doentes, explorados e vítimas da estrutura social, estão com o futuro e não podem ser tachados de criminosos».

ORDEN SOCIAL CONDENADA
E, para concluir, acrescenta o dr. Cicero Viana: — «Instituído o presente processo é destituído de qualquer fundamento e de crimes não definidos na legislação simplesmente inexistente, faltando, como faltam, todos os seus elementos constitutivos; portanto, é o "juz sperandum" de uma ordem social condenada».



Prêso porque quer liberar

Jofre Corrêa Neto cumpre nos cárceres de Carvalho Pinto mais uma sentença venal, por defender os direitos dos camponeses empobrecidos, de quem é um dos mais prestigiosos e corajosos líderes. Jofre, vítima de um processo farsa, foi condenado após ter sido prêso "em flagrante", em Pirajul, como autor de ocorrências que se verificaram em Presidente Alves.

para exigir que a arcaica estrutura fundiária que ainda entrava o desenvolvimento do Brasil seja derrubada e substituída, seja modificada. Exigência esta que é publicamente subscrita por todo mundo, a partir do presidente da República.

agrária criminalosa que remonta quase ao período colonial.

JUSTIÇA INVANE

Em todo o processo, não há nada que prove as imputações contra Jofre, e a defesa se baseou exclusivamente nas contradições gritantes dos depoimentos das testemunhas de acusação. Mesmo assim, contendo o processo 6 artigos, todos eles pulverizados, apenas por um juiz resolveu condenar Jofre a 20 meses de prisão; o IV ponto, que diz "da incitação pública ou da preparação de atentado contra pessoa ou bens, por motivos políticos, sociais ou religiosos". Justamente o ponto em que, como diz ainda a defesa, "nenhuma testemunha ouviu qualquer tipo de incitamento a atentados partidos da boca de Jofre; nenhuma o ouviu incitar quem quer que fosse a atender contra pessoas ou contra coisas, e muito menos, por motivos políticos, sociais ou religiosos".

"E ninguém mencionou, sequer de passagem, qual a pessoa ou pessoas que seriam alvo do atentado ou quais as coisas que seriam destruídas ou que se tinha em mira destruir".

RECURSO AO SUPREMO

Diante dessa injusta condenação, cabe ainda recurso à defesa, que apelará para o Supremo Tribunal Federal, visando a reforma da sentença. Por outro lado, a defesa, após estudo da condenação, possivelmente impetrará uma ordem de "habeas corpus" ao Supremo, pois dada a absurda falta de provas apuradas no processo e a fragilidade da denúncia, talvez se configure a nulidade da sentença, que poderá, nesse caso, ser cassada por meio de "habeas corpus".

CONTRADIÇÃO DO DELEGADO

Reduzido a zero, nada sobra do processo que justifica a condenação do líder camponês, prêso em "flagrante" em Pirajul, por "ocorrências em Presidente Alves". Algumas das testemunhas de acusação, preparadas para compor a farsa contra Jofre, declararam que o réu teria ordenado aos trabalhadores da fazenda Jacutinga, a preparação de "trincheiras" e que a polícia, quando chegou ao local, "encontrou, ainda, um grupo de trabalhadores cavando valetas na estrada". Entretanto, Jofre Corrêa Neto foi prêso no interior da residência de uma família camponesa, pacificamente tentando chegar a um entendimento entre os trabalhadores empobrecidos e o administrador da fazenda Jacutinga.

PLA A DEFESA

O dr. Cicero Viana conclui a peça de defesa nos seguintes termos: "Evidentemente, tais contradições, mentiras e absurdos não aconteceram por acaso ou por confusão mental das testemunhas ou do depoimento; e as ressaltamos com tanta insistência, é apenas porque elas reve-

ABUSO DE AUTORIDADE

"E — prossegue a defesa — se a administração da Fazenda chegou à prática de tal crime para tentar conseguir uma condenação para o réu e se o delegado de Polícia cometeu inominável abuso de autoridade, invadindo uma casa parti-

ALVORADA DE REDENÇÃO

"Mas se ninguém tem medo de discursos, médio tem, e muito, dos milhões de famintos e miseráveis organizados a lutar pelo direito de acesso à terra, para não continuar como escravos, morrendo quase à míngua com seus filhos; jamais os colonos da Jacutinga se haviam

Construtoras Ganham Milhões Explorando 120 000 Trabalhadores

Cerca de 120 000 operários, na sua maioria nordestinos, trabalham nos 1 000 prédios que estão permanentemente em construção no Rio. Gente simples, de pouca ou nenhuma instrução, esses homens tornam-se indefesos instrumentos nas mãos dos empreiteiros e empresas imobiliárias, que nessa tarefa infame são auxiliadas pelo próprio Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, dirigido por um marginal. Mão-de-obra sem qualquer qualificação, com a grande e crescente oferta a aviltar os níveis salariais, o operário da construção civil trabalha com roupas inadequadas, pés descalços, sem qualquer proteção física.

Os que não moram na obra, têm que viajar durante horas para marcar o ponto ou regressar à residência. Os que pernoitam na própria construção, pagam em média 2 000 cruzeiros pela "hospedagem", para co-habitar com outros companheiros, exigidos cômodos, sem luz, água, portas e janelas. Para esses homens não existem trabalhos insalubres, jamais seus patrões lhes pagaram a taxa pelo risco de

vida, que é constante na profissão.

Mais de 2 000 trabalhadores são acidentados cada mês, e em cada obra concluída um desses brasileiros fica inutilizado, quando não morto.

O PREÇO DA UTILIDADE

Os seguros de acidentes são entregues às firmas mais embusteiras da praça, ocorrendo que um operário recebe 300 mil cruzeiros e uma pensão equivalente ao salário mínimo. Este é o preço da utilidade do operário. A Companhia de Seguros Meridional recentemente deu alta a um trabalhador que tinha o braço engessado, devido a um esmagamento que sofreu há quase um ano. O operário, evidentemente, não poderá trabalhar nas condições em que se encontra, mas isso não interessa à companhia.

LEIS TRABALHISTAS NÃO EXISTEM

Como a mão-de-obra é abundante na construção civil, e nossas leis trabalhistas estão sempre sendo pisoteadas, as companhias construtoras praticam toda sorte de irregularidades. Não assinam as cartelas dos empregados (Otto Rocha e Silva, Realcap, CAVO, L. Quatroni, Estacas Franki e outras), recusam-se a pagar o reajustamento salarial assinado em novembro do ano passado, obrigando seus empregados a recorrerem à Justiça do Trabalho, para logo depois serem despedidos.

ram 16 operários, sem que nada transparecesse.

SINDICATO DE LADRÕES

Como se todas as irregularidades a que estão sujeitos os operários fossem poucas, não possuem nem o órgão de classe que está entregue a um grupo de "pelegos" do governador, há 12 anos.

O presidente do Sindicato, não preenche nenhuma condição legal para ocupar o cargo; não é brasileiro nato e está sendo processado por apropriação indevida de documentos do Sindicato, do qual já foi expulso em 1952. Arnaldo (este é seu nome), possui uma guarda pessoal integrada por um tal Oliveira, que já pertenceu ao DPFS e esteve envolvido na morte do líder sindical Lafaiete. A diretoria do Sindicato é a verdadeira trincheira dos interesses patronais. O tesoureiro Nicolino Paracamos é um homem estreitamente ligado ao governador Carlos Lacerda, e comete todo tipo de irregularidades com as contas do Sindicato.

Durante as eleições para a Diretoria, o policial Oliveira tentou obrigar um dos fiscais da oposição a assinar a ata, colocando-lhe o revólver contra o peito. O candidato a presidente foi raptado por policiais na porta do Sindicato.

O Sindicato quando tem algo importante a tratar convoca assembleia para as 18 hrs. (hora em que é encerrado o expediente) para que só compareçam aqueles operários que têm autorização do patrão ou os aposentados que Arnaldo infiltrou no Sindicato. E assim que são aprovadas as contas do Sindicato e discutidas as reivindicações da classe.

O QUE REIVINDICAM

Os trabalhadores na Construção Civil recebem menos que um "boy" de qualquer banco da cidade, pois este recebe não menos de 15 mil mensais, ao passo que a grande maioria dos pausados e arcaicos recebem rigorosamente o salário mínimo.

O acordo salarial, realizado em novembro do ano passado com os patrões, vence este mês, mas os empregados não querem realizar o novo acordo agora, para

isentarem-se do 13º salário, no que são firmemente apoiados pelo Sindicato.

A classe reivindica um aumento de 80%, e foram em vão as tentativas do presidente do Sindicato para que só pletassem 50%. Ainda assim a classe patronal — uma das mais intransigentes em relação aos operários — recusa-se a discutir o problema, no que é ajudada pela apatia criminalosa do Sindicato.

O GRANDE CULPADO

A política do DNT é de verdadeira desinteresse pelos problemas existentes. Há inclusive uma ordem do ministro João Pinheiro Neto, para que fossem desarticulados processos contra a diretoria do Sindicato, que não foi cumprida, pois o DNT nada diz quando alguém procura informar-se.

As agressões e medidas de caráter policial tomadas no Sindicato já teriam sido o suficiente para uma intervenção do ministro do Trabalho, o que não se verificou, enquanto toda uma categoria — a mais numerosa do Estado, e a mais explorada e abandonada, — não encontra uma guarda para suas reivindicações, sobre cuja justiça ninguém pode colocar dúvidas.

NOVOS RUMOS

Diretor: Orlando Bonfim Júnior
Diretor Executivo: Fragman Borges
Redator Chefe: Luis Gostanczo

Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redação: Rua Branco, 257, 17º andar S/1712 - Tel. 42-7344
Circulação: Av. Rio Branco, 257, 8º andar S/805

SUBSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
5º andar S/827

Tel.: 35-9485
Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS
ASSINATURAS:
(Semente a edição semanal)

Anual	1.000,00
Semestral	500,00
Trimestral	250,00

ASSINATURA ACRÉDITA

Anual	2.300,00
Semestral	1.200,00
Trimestral	600,00
Número avulso	30,00
Número atrasado	30,00

«GOVERNO CARLOS LACERDA»

As construtoras que realizam as empreitadas do Governo do Estado apareceram, como que por milagre, logo após a posse do governador, e são verdadeiros modelos de irregularidades: não pagam taxas de insalubridade, não assinam as cartelas dos empregados, por qualquer motivo despedem seus operários.

De todo o conjunto de obras, o maior índice de acidentes registra-se nas do Estado, bastando dizer que num dia, devido a um desabamento no túnel Cumbi-Laranjeiras, morre-

ENSINO MÉDIO: PROSEGUE A COBRANÇA DA TAXA ILEGAL COM ESTUDANTES EM GREVE

Cerca de cinco mil estudantes secundários de Guarabara encontram-se em greve de protesto contra a taxa de 13% arbitrariamente cobrada pelos diretores de colégios. O movimento paralisa as atividades da grande maioria dos colégios da zona da Leopoldina, desde o princípio da semana.

O ministro da Educação, em reunião com os estudantes, havia declarado que só seria permitido o aumento a partir de dezembro, e ainda assim os colégios não poderiam cobrar a entrada em provas aos alunos que não tivessem pago a taxa extra. Essas determinações não foram cumpridas pela maioria dos colégios, o que causou a indignação dos alunos, que decidiram deflagrar greves nos colégios que mantinham

essa irregularidade. O Colégio Piedade, em vista das ordens do ministro, que cobravam a taxa em 70% de uma mensalidade, imediatamente elevou de 1 200 cruzeiros para 1 750 o pagamento mensal que efetuam seus alunos e proibiu a prestação de provas finais por parte daqueles que não pagarem a taxa, o que provocou a deflagração da greve no curso noturno, há mais de uma semana.

Simultaneamente, os alunos dos colégios Pedro I, Luso Caricosa, Santa Teresinha e da Escola Técnica Santa Cruz, decidiram não comparecer às aulas na segunda-feira. Em represália, o diretor do Colégio Pedro I chamou a polícia para intimidar os alunos, sem resultado. Por isso os policiais do DPFS, comandados pelo Inspetor Gerson, prenderam

Em discussão a reforma bancária PROJETO FARACO CONSERVA A ESTRUTURA BANCÁRIA EM VIGOR: NADA DE NÓVO (1ª de uma série)

Há 16 anos, são apresentados no Congresso projetos de reforma bancária. Tratando-se de uma das "reformas de base", por que tanto lutam as forças progressistas e apregoam lutar todos os demagogos, é natural que esteja no momento agitando os meios políticos, econômicos e sindicais, pois um substitutivo que pretende fazer essa reforma está na ordem-dia.

Os meios sindicais, particularmente dos empregados em estabelecimentos bancários, estão preocupados com essa questão. Velhos funcionários do Banco do Brasil, economistas, dirigentes dos órgãos sindicais dos bancários já promovendo sob o patrocínio da CONTEC inúmeros debates sobre o assunto, tendo vários grupos de trabalho se dedicado ao estudo do projeto Faraco. Foi exatamente nesse meio que colhem os valiosos elementos para uma série de reportagens, a primeira das quais divulgamos neste número.

REFORMA PROGRESSISTA

Este projeto está em andamento na Câmara dos Deputados e o mais grave é que desejam alguns fazer crer que encerra ele a solução para o problema bancário do Brasil, consubstanciando assim uma das reformas de base de que tanto necessita o país e por que estão lutando amplas camadas do povo brasileiro.

Não é verdade, porém, que o projeto ora em discussão contenha qualquer elemento que nos induza a considerá-lo efetivamente como reformador do sistema bancário nacional.

Uma reforma, para o Brasil de hoje — e que mereça de fato este título — terá de ser necessariamente uma reforma progressista. Deve implicar na criação de normas renovadoras e progressistas, deve fazer do sistema — no caso o bancário — uma arma a serviço do desenvolvimento econômico-social, da emancipação econômica, da elevação do nível de vida do povo.

NADA DE NÓVO

O projeto Faraco, no entanto, limita-se a criar órgãos, transferindo-lhes as funções de outros e mantendo as mesmas normas que regem a matéria. Não renova coisa alguma, não reforma, conserva a estrutura bancária existente, tanto no campo do câmbio e do crédito como no terreno dos meios de pagamento. Nada contém de concreto sobre a seleção do crédito (que é sua regra básica) nem a respeito da regra fundamental do câmbio — o controle geral ou monopólio do Estado.

Uma reforma bancária autêntica deve regular as operações de crédito, de câmbio, e o controle dos meios de pagamento, estabelecendo o regime de coleta dos recursos e de sua aplicação e instituindo normas para o regime cambial e dos meios de pagamento. O projeto de Faraco, ao contrário, leva em conta os instrumentos que servirão à execução daquelas normas, renovando e adaptando

do os existentes e criando outros, se isto for necessário.

Como é claro, esses instrumentos são as instituições bancárias públicas e privadas e seus órgãos de cúpula, vale dizer, o supremo órgão normativo do sistema, que atualmente é o Conselho da SUMOC.

O projeto Daniel Faraco quase nada inova quanto às normas reguladoras daquelas três atividades básicas: crédito, câmbio, controle dos meios de pagamento.

Quanto aos órgãos executivos, no que toca aos bancos privados, há algumas inovações, insignificantes, porém, no que se refere às instituições estatais, a única inovação, na prática, é o fracionamento do Banco do Brasil, com certas medidas complementares, mas apenas superficiais.

POR QUE DIVIDIR?

Prevê o projeto Faraco que as atividades executivas da SUMOC, a Carteira de Redesconto, a Caixa de Mobilização Bancária e outras tarefas próprias de um banco central — ora executadas pelo Banco do Brasil — passariam a constituir o Banco Central do Brasil. Tida a parte agropecuária da CREA (Carteira de Crédito Agrícola e Industrial) seria transformada no Banco Rural do Brasil; o Conselho da SUMOC, acrescido de novos poderes, passaria a chamar-se Conselho Monetário Nacional, com as funções de comando normativo sobre todo o sistema bancário.

E o óbvio que, em qualquer reforma bancária, é medida imprescindível essa transformação do Conselho da SUMOC. Não compreendemos, no entanto, por que este e outros projetos insistem em dividir o nosso principal estabelecimento bancário.

Por que a fragmentação do Banco do Brasil? Apresenta ela qualquer correspondência com as necessidades da reforma bancária em sua parte instrumental?

E o que tentaremos responder na segunda reportagem desta série.

Os projetos de "reforma bancária" já apresentados no Congresso estão elavados de graves defeitos, sendo comum a todos eles o erro de fragmentar o Banco do Brasil, de dividi-lo em vários bancos. Em 1947, o ministro Correia e Castro elaborava um projeto, criando seis bancos; pouco depois, o senador Alberto Pasquini propunha a criação de cinco estabelecimentos bancários.

O último deles é de autoria do deputado Daniel Faraco. Tem o número 104-50-D e estabelece a divisão do Banco do Brasil em três bancos: o Banco Central do Brasil, o Banco Rural do Brasil e o Banco do Brasil; transfere ao novo Banco Central as seções executivas da SUMOC e transforma o Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito em Conselho Monetário Nacional. Dentro desse quadro, o Banco Rural e o Banco Central seriam organizados como autarquias.

Em todos os pontos do país, os estudantes estão manifestando-se nas praças públicas, em São Paulo os secundaristas realizaram passeatas, o mesmo ocorrendo em Minas Gerais e na Bahia.

Escritor Brasileiro Denuncia: Macartismo Policial na «Aliança Para o Progresso»

O jornalista Alexandrino Rocha denuncia o macartismo policial na Aliança Para o Progresso, em sua coluna «Diário da Manhã», no Rio de Janeiro. Rocha afirma que a Aliança Para o Progresso é uma organização que visa a desestabilização do Brasil, através de uma campanha de difamação e de ataques pessoais contra os governantes e a população em geral. Rocha afirma que a Aliança Para o Progresso é uma organização que visa a desestabilização do Brasil, através de uma campanha de difamação e de ataques pessoais contra os governantes e a população em geral.

ALÍVIO DA TENSÃO EM CUBA: CESSADO O BLOQUEIO IANQUE E RETIRADOS OS «IL-28»

A exigência de retirada dos bombardeiros «IL-28» constitui salutar passo para a tensão, prolongar a crise e sustentar uma política de força. Chegou o momento de fazer algo que seja justo e quem não deseja a paz, Cuba nunca será um obstáculo para uma solução decorosa, justa e aceitável para todos. Apenas a defesa da soberania, a autodeterminação de seu povo, a igualdade jurídica de todos os Estados, grandes e pequenos, e o direito que tem toda nação de viver, progredir e ser respeitada — diz o primeiro-ministro Fidel na carta que comunica ao secretário-geral da ONU, U Thant, que o governo cubano não se opõe à retirada dos bombardeiros soviéticos «IL-28» de seu território, desde que isso seja considerado pelo governo da URSS, com o objetivo de uma solução da crise nas Antilhas.

«O governo de Cuba não se opõe à retirada dos bombardeiros soviéticos «IL-28» de seu território, desde que isso seja considerado pelo governo da URSS, com o objetivo de uma solução da crise nas Antilhas. O governo de Cuba não se opõe à retirada dos bombardeiros soviéticos «IL-28» de seu território, desde que isso seja considerado pelo governo da URSS, com o objetivo de uma solução da crise nas Antilhas.

«O governo de Cuba não se opõe à retirada dos bombardeiros soviéticos «IL-28» de seu território, desde que isso seja considerado pelo governo da URSS, com o objetivo de uma solução da crise nas Antilhas. O governo de Cuba não se opõe à retirada dos bombardeiros soviéticos «IL-28» de seu território, desde que isso seja considerado pelo governo da URSS, com o objetivo de uma solução da crise nas Antilhas.

DESNUCLEARIZAÇÃO

O governo dos Estados Unidos apresentou o projeto de desarmamento nuclear na Assembleia Geral da ONU, segundo o qual a América Latina é considerada zona desnuclearizada, isto é, zona na qual fica vedada a existência ou a instalação de armas nucleares. A proposta brasileira teve o apoio de grande número de países, inclusive do nosso Continente, entre os quais o Equador, o Chile e a Bolívia. Encontrar-se agora na ordem-dia da Assembleia, tendo sido por sua discussão adiada a pedido do Brasil. Quanto à rejeição pelos Estados Unidos de uma proposta semelhante, a comissão de desarmamento nuclear da OEA, como o verdadeiro Ministério das Colônias Ianques; o delegado norte-americano, sem ouvir quem quer que fosse, falou também de uma situação de dependência do Departamento de Estado.

«Os Estados Unidos não admitem a ideia de se desfazerem de suas bases opressoras. Isso se tornou claro — vergonhosamente claro — ao se constatar que a desaprovação ianque se deu imediatamente após a apresentação feita pelo delegado cubano de uma emenda lembrando que a base de Guantanamo, Porto Rico e a zona do canal do Panamá pertencem à América Latina. Alí está mais uma manifestação concreta da política agressiva e hipocrítica dos círculos dirigentes norte-americanos. Falam em desarmamento e em paz, deformam a maneira mais crua a política externa da URSS e demais países socialistas, hostilizam os países neutralistas, mas, quando se encontram em face de uma situação concreta, arrancam a máscara e mostram o que são: inimigos da paz, agentes e provocadores de guerra. E mais um ensinamento para os povos, desta vez particularmente para os povos da América Latina.

UM TROGLODITA

O sr. Othon Mader é conhecido como um dos senadores mais reacionários e mais medíocres. Banqueiro, grande latifundiário, ideologicamente fascista, membro da chamada Ação Democrática Parlamentar (IBAD), o sr. Mader é um representante típico desse lauburde mundo de traíções a pátria, de privilégios anti-sociais, de escabrosas negociações e fauleiras, de golpes sujos e de corrupção. É um personagem repulsivo, desses que se agarram como ostra a tudo o que há de mais retrógrado e vergonhoso. Pobre, de ideias, perde até a noção do grotesco quando, depois de noites de intranquila insônia, pensando sem ter coisa o que pensar, se aventura a uma iniciativa qualquer no Senado.

«O sr. Othon Mader é conhecido como um dos senadores mais reacionários e mais medíocres. Banqueiro, grande latifundiário, ideologicamente fascista, membro da chamada Ação Democrática Parlamentar (IBAD), o sr. Mader é um representante típico desse lauburde mundo de traíções a pátria, de privilégios anti-sociais, de escabrosas negociações e fauleiras, de golpes sujos e de corrupção. É um personagem repulsivo, desses que se agarram como ostra a tudo o que há de mais retrógrado e vergonhoso. Pobre, de ideias, perde até a noção do grotesco quando, depois de noites de intranquila insônia, pensando sem ter coisa o que pensar, se aventura a uma iniciativa qualquer no Senado.

«Terça-feira à noite, em entrevista coletiva à imprensa, o presidente Kennedy comunicou, por sua vez, que o governo de Washington ordenara a imediata cessação do bloqueio contra Cuba e reafirmou o compromisso por ele assumido, em carta dirigida ao premier Nikita Krushchov, no dia 25 de outubro, de que os Estados Unidos afastavam todo propósito de invadir Cuba, tanto por parte de seus soldados como por forças de outros países.

«Terça-feira à noite, em entrevista coletiva à imprensa, o presidente Kennedy comunicou, por sua vez, que o governo de Washington ordenara a imediata cessação do bloqueio contra Cuba e reafirmou o compromisso por ele assumido, em carta dirigida ao premier Nikita Krushchov, no dia 25 de outubro, de que os Estados Unidos afastavam todo propósito de invadir Cuba, tanto por parte de seus soldados como por forças de outros países.

«Terça-feira à noite, em entrevista coletiva à imprensa, o presidente Kennedy comunicou, por sua vez, que o governo de Washington ordenara a imediata cessação do bloqueio contra Cuba e reafirmou o compromisso por ele assumido, em carta dirigida ao premier Nikita Krushchov, no dia 25 de outubro, de que os Estados Unidos afastavam todo propósito de invadir Cuba, tanto por parte de seus soldados como por forças de outros países.

Assim, embora persistam ainda problemas a resolver — criados principalmente em face da insistência dos imperialistas ianques de violar o espaço aéreo cubano — os últimos fatos representam um passo considerável no sentido de aliviar a tensão internacional e assegurar ao povo cubano o seu direito inalienável de edificar uma nova vida, sob o regime socialista, o que constitui uma séria derrota para os círculos agressivos dos Estados Unidos — que não concebem as relações senão a partir das posições de força e que afirmavam que «comunismo na América é inegociável».

Assim, embora persistam ainda problemas a resolver — criados principalmente em face da insistência dos imperialistas ianques de violar o espaço aéreo cubano — os últimos fatos representam um passo considerável no sentido de aliviar a tensão internacional e assegurar ao povo cubano o seu direito inalienável de edificar uma nova vida, sob o regime socialista, o que constitui uma séria derrota para os círculos agressivos dos Estados Unidos — que não concebem as relações senão a partir das posições de força e que afirmavam que «comunismo na América é inegociável».

Assim, embora persistam ainda problemas a resolver — criados principalmente em face da insistência dos imperialistas ianques de violar o espaço aéreo cubano — os últimos fatos representam um passo considerável no sentido de aliviar a tensão internacional e assegurar ao povo cubano o seu direito inalienável de edificar uma nova vida, sob o regime socialista, o que constitui uma séria derrota para os círculos agressivos dos Estados Unidos — que não concebem as relações senão a partir das posições de força e que afirmavam que «comunismo na América é inegociável».

CHINA CESSA FOGO: QUER NEGOCIAÇÕES

O governo da República Popular da China acaba de dar um importante passo no sentido de resolver a questão do litígio de fronteiras com a Índia. Em nota dada em 20 de novembro, o governo chinês anunciou que havia ordenado às forças chinesas que combatem na fronteira sino-indiana a cessar-fogo a partir de 0 hora (tempo local de Pequim) do dia 22 de novembro. Acrescentava que a partir de 1.º de dezembro próximo as guardas fronteiriças da República Popular da China se retirarão de suas posições atuais para 20 quilômetros de distância da linha de controle efetivo que constituía a fronteira entre a China e a Índia no dia 7 de novembro de 1959.

«O governo da República Popular da China acaba de dar um importante passo no sentido de resolver a questão do litígio de fronteiras com a Índia. Em nota dada em 20 de novembro, o governo chinês anunciou que havia ordenado às forças chinesas que combatem na fronteira sino-indiana a cessar-fogo a partir de 0 hora (tempo local de Pequim) do dia 22 de novembro. Acrescentava que a partir de 1.º de dezembro próximo as guardas fronteiriças da República Popular da China se retirarão de suas posições atuais para 20 quilômetros de distância da linha de controle efetivo que constituía a fronteira entre a China e a Índia no dia 7 de novembro de 1959.

ESBULHADORES DE VOTOS

O sr. João Mendes, presidente da chamada Ação Democrática Parlamentar — como se sabe, a sucursal do IBAD na Câmara — vive se vangloriando de ter sido eleito deputado federal, depois de ter perigado seriamente em sua pretensão. Foi eleito, na verdade — mas não pelo povo baiano, que lhe negou os votos, apesar do espantoso derrame de dinheiro feito na Bahia pelo líder fascista.

«O sr. João Mendes, presidente da chamada Ação Democrática Parlamentar — como se sabe, a sucursal do IBAD na Câmara — vive se vangloriando de ter sido eleito deputado federal, depois de ter perigado seriamente em sua pretensão. Foi eleito, na verdade — mas não pelo povo baiano, que lhe negou os votos, apesar do espantoso derrame de dinheiro feito na Bahia pelo líder fascista.

A CARTA DE FIDEL

«O seguinte, segundo a versão distribuída pelas agências internacionais, o texto da carta enviada por Fidel Castro ao secretário-geral da ONU:

«O seguinte, segundo a versão distribuída pelas agências internacionais, o texto da carta enviada por Fidel Castro ao secretário-geral da ONU:

«O seguinte, segundo a versão distribuída pelas agências internacionais, o texto da carta enviada por Fidel Castro ao secretário-geral da ONU:

LEIAM O DESARMAMENTO E A PAZ

Nikita Krushchov Preço — Cr\$ 25,00 A venda pelos distribuidores de NOVOS RUMOS em todo o País. Pedidos pelo reembolso postal (mais de 5 exemplares): Editora Aliança do Brasil Ltda. Av. Rio Branco 257 - sala 905 Rio de Janeiro - GB

Nota Econômica

«Nos últimos dias, notadamente depois da exposição feita pelo ministro da Fazenda, sr. Miguel Calmon, perante a Câmara dos Deputados, fala-se com insistência numa grande preocupação das autoridades em relação à situação financeira do país. De fato, a política de dar uma ao cravo e outra na serradura, os esforços para conciliar certas exigências do desenvolvimento nacional com as imposições de natureza imperialista do Fundo Monetário Internacional, não podiam nem poderão levar a boa coisa. Hája vista o orçamento da União para 1963, ora sob exame do Congresso. A proposta enviada pelo Executivo previa uma despesa de 933 bilhões de cruzeiros, que a Câmara e, depois, o Senado, elevaram para 1 trilhão e 180 bilhões de cruzeiros. A essa cifra, segundo o sr. Miguel Calmon, devem-se adicionar mais as seguintes parcelas: 214 bilhões de créditos transferidos para o próximo exercício (não se trata de resíduos); abertura inevitável de créditos especiais no próximo ano, entre os quais um nunca inferior a 135 bilhões de cruzeiros para atender à indispensável aumento do funcionalismo. Com isso, o total da despesa no ano vindouro situar-se-á em cerca de 1 trilhão 529 bilhões de cruzeiros. E a receita para pagá-la? Ainda segundo o ministro, a receita da União para 1963 está prevista em 625 bilhões de cruzeiros, mas poderá chegar aos 700 bilhões, no máximo. Fica, então, um déficit de 829 bilhões. E, ainda, o sr. Calmon tem exposto os planos que tem para cobrir esse déficit, bem maior do que a receita prevista. Para começo de conversa, seria aditada uma parte da despesa: 287 bilhões. Outros 120 bilhões, contra o governo obtidos através dos aumentos de impostos propostos ao Congresso. Com isto, ficaria o déficit reduzido a 422 bilhões de cruzeiros. Como ficaria — o ministro discute diferentes hipóteses: a primeira seriam emissões no montante de 422 bilhões, quase duplicando o meio circulante com que estamos dentro de um mês e dias, hipótese inaceitável pelo menos em termos de quem busca uma solução. Outra hipótese seria a elevação do nível dos depósitos compulsórios dos bancos à ordem da SUMOC. Outra, ainda, seria um empréstimo compulsório em montante correlato com o nível das emissões, capaz de proporcionar ao Tesouro outros 120 bilhões. Assim, o déficit cairia para cerca de 300 bilhões. Dai em diante, os caminhos tornam-se ainda mais difíceis.

Panorama financeiro e velhas resistências

«Efetivamente, é preciso convir que abrir-se um novo ano fiscal com semelhante perspectiva já diz muito. E mais ainda em face da resistência oferecida pelos que estão nadando em dinheiro, os beneficiários da presente situação, ante a possibilidade de que as medidas visadas pelo governo venham a tocar, ainda que timidamente, nas vantagens que eles estão auferindo. Em nota anterior assinalávamos que, ao lado de limitações, as alterações tributárias propostas pelo Executivo representavam significativos passos à frente, entre os quais os referentes à identificação das ações ao portador para efeito do pagamento do imposto de renda, a provisão visando a anular a burla, através da criação de «holdings», a taxação sobre lucros distribuídos, e outros mais. Ao lado disso, porém, o aumento da arrecadação, deverá provir do imposto de consumo numa proporção de dois para um em relação ao de renda, se bem que mantendo a taxação atual sobre alimentos, produtos farmacêuticos, tecidos e calçados. Mesmo assim, certos setores das classes dominantes — principalmente os representados pelas associações comerciais — não se mostram dispostos a fazer concessões. Embora não se animem a uma negativa total, sugerem uma fórmula que, além de alcance duvidoso no que se refere à arrecadação, propriamente, deixaria intactos todos os defeitos e vícios imperantes no setor fiscal. E propõem o adiamento da discussão do problema, por mais um ano.

REFORMA AGRÁRIA

«Ao inaugurar oficialmente a reunião da FAO, que ora se realiza entre nós, o presidente João Goulart voltou a preconizar a realização da reforma agrária no Brasil como uma das medidas mais relevantes e mais urgentes. Essa, aliás, vem sendo a posição do sr. Goulart muito tempo antes de ocupar a presidência da República. Todos se recordam, por exemplo, dos reiterados pronunciamentos por ele feitos nesse sentido quando era o candidato a vice-presidente na chapa encabeçada pelo marechal Teixeira Lott.

«Ao inaugurar oficialmente a reunião da FAO, que ora se realiza entre nós, o presidente João Goulart voltou a preconizar a realização da reforma agrária no Brasil como uma das medidas mais relevantes e mais urgentes. Essa, aliás, vem sendo a posição do sr. Goulart muito tempo antes de ocupar a presidência da República. Todos se recordam, por exemplo, dos reiterados pronunciamentos por ele feitos nesse sentido quando era o candidato a vice-presidente na chapa encabeçada pelo marechal Teixeira Lott.

Trabalhadores Baianos Vão à Greve Geral Contra Carestia

SALVADOR (Do correspondente) — Os sindicatos de todas as categorias de trabalhadores levarão a efeito, dia 23, assembleias gerais para a tomada das últimas providências relacionadas com a greve de protesto contra a elevação do custo de vida, que o operariado baiano realizará dia 28. Naquela data os trabalhadores paralisarão suas atividades em todo o Estado e deixarão, pelo espaço de 24 horas, de efetuar quaisquer compras. A greve tem um sentido de advertência às autoridades, que não tomam medida alguma contra a carestia, a sonegação de gêneros alimentícios e as repetidas crises de abastecimento.

EL LENINISMO EN ACCIÓN — Arismendi, Koslov, John Gollan, Rumanitsev, Hendrych e outros. Preço: Cr\$ 150,00.

Pedidos, pelo Reembolso Postal à PPS. Rua da Assembléia, 34, sala 304 — GB.

Fora de Rumo Paulo Motta Lima

«Na história da submissão do Brasil aos imperialistas norte-americanos uma das fases mais prosaicas foi a do governo do homônimo Café Filho. Café, que ante se empavonava com ares de caudilho populista, quando se apenhou no Catete traçou novos planos de existência. Abandonado com as facilidades de uma casa cujos mordomos, dispozo da verba da Presidência, tinham poderes quase ilimitados, resolveu engordar. Entregou-se aos prazeres da mesa e quando em torno dela não reunia protocolarmente figuras da alta política, arrebanhava cronistas que conhecedora na Câmara, em pequenos banquetes de carne seca e jerimum, com acompanhamento de chope engarrafado, com pouco gelo.

SÃO GONÇALO TEM CENTRO DE CULTURA

«Fundado em agosto deste ano, o Centro de Estudos Culturais e Artísticos Fluminense, em São Gonçalo, já constituiu sua primeira diretoria, que é a seguinte: Sadoek Mendes Silva, presidente; José Barreto Antunes, secretário, e Sônia Jardim dos Santos, tesoureira. A nova organização funciona na sede do Centro Pró-Melhoramento do Bairro de Brasilândia, naquele município fluminense, e seus associados se reúnem aos domingos, a partir das 15 horas. Do programa de atividades do CCEAF constam: oratória, declamação, desenho, pintura artística e leitura.

No Ministério da Fazenda, os patrões de Café colocaram outra pessoa de confiança, o entreguista juramentado Eugênio Guin

«Hoje os tempos estão mudados. Café, ora fingindo-se de doente, ora fingendo-se curado, está entregue não ao sono eterno, mas a uma espécie de cochilo eterno. Como placidamente o seu jerimum com jabá pela tabela cruel da feira-livre, sem o generoso apoio do mordomo do Catete, palácio que por sua vez virou museu. Café, como bagaço de rolete de cana chupado nas entranhas do circo de Natal, já não serve para nada. Os imperialistas deixaram-no de lado. Mas o macróbio do entreguismo Eugênio Guin, dada a pobreza de quadros que aflige a reação, ainda presta serviços. Agora está escrevendo não mais sobre finanças e sim sobre o papel das forças armadas no Brasil. A coisa é feita com o maior desarmamento, no jornal mais ligado à embaixada dos Estados Unidos. Guin deende a tese de que as forças armadas devem exercer uma espécie de poder moderador, bem diferente do poder imperial. Um poder moderador baseado no direito de dar o golpe, em casos de necessidade. Essa nova atribuição dada a um escrivinhador do campo do entreguismo não se desliga de outras andanças. É sabido que nos últimos tempos o embaixador Gordon intensificou suas visitas ao sr. João Goulart, com quem se tranca em longas palestras. Uma das últimas realizou-se a dois mil metros acima do nível do mar, entre o Rio e Brasília, numa viagem de avião. E ainda agora marca-se a visita do sr. San Tiago Dantas aos Estados Unidos, em missão de governo. Sobre essa viagem diz-se que muito conversará o ex-chanceler, em Washington, sobre relações econômicas. E naturalmente sobre relações políticas, também. Mudam as situações, substituem-se os homens, arqui-arqui-se os hominúnculos, mas o estilo norte-americano de exercer pressão não se modifica. Os americanos não compreendem facilmente a dinâmica da vida.

O Movimento de Libertação Nacional na Atualidade

O Papel Progressista do Setor Estatal

Por R. Avakov e R. Androssian

As revoluções de libertação nacional ensejam novos fenômenos econômico-sociais. Um deles é a formação do setor estatal na economia nacional dos países que se libertaram do jugo colonial.

Sabe-se que os Estados europeus precisaram de séculos para atingir o atual nível de desenvolvimento. Mas os povos dos países libertados não querem nem podem esperar tanto. A história não lhes deu tempo para percorrer o caminho capitalista. Alcançar o século XX durante a vida de uma geração e o que essencialmente necessitam. Para isso e muito mais, fundamentalmente, mobilizar todos os recursos à mão. O que só está em condições de fazer um Estado governado por forças progressistas que, concentrando em suas mãos todas as fontes de acumulação interna e externa, possa canalizá-las para o rápido desenvolvimento da economia e da industrialização do país.

Advogando a ampliação e o fortalecimento do setor estatal, as forças progressistas o conceituam como meio eficaz de luta contra os monopólios estrangeiros, que pretendem eternizar o atraso dos países subdesenvolvidos. O crescimento e a consolidação do setor estatal transcrito em meio à aguda luta de classes, luta que se desenvolve entre os adversários do fortalecimento do papel do Estado na economia. Isto é, os latifundiários e a grande burguesia, por um lado, e os partidários do desenvolvimento do setor estatal, isto é, da classe operária, o camponês, a intelectualidade progressista e a maior parte da burguesia nacional, por outro lado. A luta é travada em torno das seguintes questões: E' preciso, em geral, criar o setor estatal? E em caso afirmativo, com que finalidades? Formá-lo às custas de quê? Somente por meio de novas investidas do Estado ou também mediante a nacionalização das empresas do capital estrangeiro e do grande capital nacional? Que lugar deve ocupar o setor estatal na economia: secundário, com o papel predominante do capital privado, ou decisivo? Como determinar suas perspectivas: manter o rumo da posterior entrega das empresas do Estado a mãos particulares ou apoiar e desenvolver todo o setor es-

tatal como fator constante da vida econômica? E, por último, o fundamental: deve reformar-se o setor estatal no interesse do desenvolvimento do país pelo caminho capitalista ou pelo não-capitalista?

As camadas progressistas da sociedade são partidárias de que o setor estatal contribua para fortalecer a independência do país, de que seja a base material para a transição do país emancipado para o caminho não-capitalista, já que somente este caminho pode assegurar a liquidação do atraso secular, a manutenção da independência econômica, a criação de uma economia próspera e a elevação do nível de vida das massas populares. A grande burguesia tende a colocar as empresas do Estado a serviço de seus interesses de classe e aproveitá-las para orientar o país pelo caminho capitalista. Ao fim das contas, o caráter do setor estatal depende da correlação de forças entre as classes de um ou outro país e é determinado pelo caráter do poder do Estado e a atitude das classes governantes a respeito dos caminhos de desenvolvimento histórico, bem como pela orientação da política exterior do governo.

Nos países emancipados em que os governos lutam ativamente por se tornarem economicamente independentes do imperialismo baseado na ajuda e no apoio do campo socialista, o setor estatal tem orientação ant imperialista, e o principal ponto de apoio na luta pelo reforço da soberania política e pela conquista da independência econômica. O setor estatal tem maior caráter progressista onde, sob a influência dos fatores internos e externos, a correlação das forças de classe e políticas se inclina favoravelmente ao desenvolvimento do país pelo caminho não-capitalista. Isto se refere principalmente a países como Mali, Guiné e Gana.

der pertence a partidos democráticos dirigidos por intelectuais de tendência radical que em sua política se apoiam nas massas populares. Esses Estados recebem uma grande ajuda política e econômica por parte do campo socialista.

Em Gana, Guiné e Mali o setor estatal somente começa a estruturar-se. Na Guiné, por exemplo, formou-se principalmente, como resultado da nacionalização de uma série de empresas e de entidades financeiras, companhias de seguros, empresas de abastecimento de água e luz, algumas minas de bauxita, etc. Todas elas pertencentes antes aos franceses. Na Guiné, o Estado exerce o monopólio do comércio exterior. Algumas empresas industriais que estão sendo construídas com a colaboração dos países socialistas também passarão a integrar o setor estatal. Por caminhos análogos toma corpo o setor estatal em Mali e Gana. Nestes países foram nacionalizadas as empresas de serviços públicos e os transportes, parte considerável do comércio exterior. Em Mali o Estado colocou sob seu controle as finanças do país fundando um banco próprio e emitindo suas divisas.

Pela forma com que se articulam nesses países, o setor estatal tem não só caráter ant imperialista, como também ant capitalista. Seus governos procuram restringir as atividades do capital privado. As pequenas empresas privadas que existem na Guiné e em Mali não desempenham nenhum papel de importância na economia; e em Gana, embora estejam um pouco mais desenvolvidas, são de importância secundária.

Contudo, por causa da extrema falta de capitais, em Guiné, Mali e Gana deram-se passos com o fim de

atrair o capital estrangeiro, mesmo o particular, para a construção de toda uma série de empresas. E aqui se coloca a questão da criação e ampliação do chamado setor misto da economia, que deve estar representado por empresas de que participe conjuntamente o capital do Estado e o estrangeiro. O Estado controla rigorosamente a atividade das companhias estrangeiras que participam da construção de empresas, segundo o plano de desenvolvimento econômico. As empresas mistas criadas em Gana, Mali e Guiné terão, por seu conteúdo social, caráter estatal-capitalista.

Também em outros países em que é forte a influência das forças democráticas sobre a política do Estado existem condições favoráveis para converter o setor estatal em base material de desenvolvimento da sociedade pelo caminho não-capitalista. A este respeito é sintomático o exemplo da Indonésia.

Na Indonésia, a base do setor estatal foi constituída pelas empresas nacionalizadas, que pertenciam ao capital estrangeiro, principalmente holandês. A principal etapa no caminho da formação do setor estatal foi a ampla nacionalização em 1958 das empresas das companhias participativas holandesas, às quais correspondiam 70% de todas as investidas de capital estrangeiro. Em princípios de 1961 passaram para as mãos do Estado indonês 848 dessas empresas. O Partido Comunista, que é uma das principais forças políticas do país, e que faz parte da Frente Nacional e do governo, defende a ampliação e o reforço do setor estatal na Indonésia. Atualmente, ali se ultimam medidas orientadas no sentido de liquidar definitivamente as posições do capi-

tal holandês na economia do país. Também se luta contra os monopólios norte-americanos e ingleses. Este método de articulação do setor estatal lhe infunde caráter progressista e anti-imperialista.

Também tem suas particularidades a política do governo da Indonésia em relação ao capital nacional privado, representado por camadas pequenas e médias da burguesia. A participação dos capitalistas na vida econômica do país é determinada pelos princípios da "economia orientada". Os fundamentais são: a concentração em mãos do Estado das moedas principais da atividade econômica; o controle do Estado sobre o capital privado, que se conceitua não como força concorrente com o setor estatal, mas como força destinada a ajudá-lo; o estímulo em escala limitada da iniciativa privada; o caminho do desenvolvimento da cooperação na agricultura e na indústria. O setor estatal abrange mais da metade de toda a economia do país, inclusive o comércio exterior. Iniciou-se o estabelecimento do controle completo do Estado sobre o comércio exterior. Dando preferência ao capital nacional, o governo da Indonésia considera possível recorrer à ajuda do capital privado estrangeiro quando forem insuficientes suas próprias possibilidades. Mas, ao fazê-lo, regulamentam-se rigorosamente as condições de sua incorporação e atividade. As novas investidas de capital estrangeiro não adquiriram ampla difusão.

Na RAU o setor estatal tem percorrido um caminho tortuoso, no qual se delineiam claramente duas etapas. As ações mais importantes da primeira etapa foram a nacionalização, em julho de 1954, da companhia do canal de Suez, o produto econômico de imperialismo no país, a "egipcização" dos bancos, das companhias de seguros, e comerciais estrangeiras em novembro de 1956-janeiro de 1957, a criação da Organização Econômica do Estado, que concentrou em suas mãos a maior parte das empresas "egipcizadas", e a aprovação do primeiro plano quinquenal em 1957. Em consequência de tudo isso o setor estatal ocupou posições dominantes em alguns setores da indústria, nas finanças e no comércio.

A segunda etapa começou em meados de 1961. Caracteriza-se pelo fato de que a ampliação do setor estatal operou-se às custas da

nacionalização das empresas pertencentes a grande burguesia e em parte à burguesia média. Foram nacionalizados todos os bancos e companhias de seguros, bem como 44 companhias industriais e outras. O Estado tornou-se possuidor de 30% pelo menos do capital de 83 sociedades anônimas. Também concentrou o controle sobre o comércio exterior e, principalmente, sobre a exportação de algodão, fonte de obtenção de divisas estrangeiras. Nacionalizaram-se os transportes, inclusive o marítimo. Segundo dados oficiais, atualmente estão sob o controle do Estado 90% de toda a atividade industrial do país. Em mãos de particulares somente está o comércio a varejo, o artesanato e diversas pequenas empresas. O papel predominante do Estado na economia manifesta-se também no fato de que canaliza toda a política econômica do país, é iniciador e principal participante nos programas econômicos. A política econômica atual está dirigida contra a grande burguesia. Em alguns países subdesenvolvidos o setor estatal também serve hoje aos interesses da burguesia nacional. Tal é seu caráter no atual estágio da Índia. Mas este capitalismo de Estado diferencia-se bastante do capitalismo monopolista de Estado nos países imperialistas.

A diferença consiste, sobretudo, em que nos países subdesenvolvidos o capitalismo estatal surge como instrumento de luta contra o imperialismo e o colonialismo, como instrumento de edificação da economia nacional independente. O capitalismo monopolista de Estado, monstruoso do capitalismo apodreçado, serve aos interesses de um punhado de monopólios, desempenha um papel reacionário na política interna e externa, contribui para a escravização e subjugo dos países subdesenvolvidos.

Na Índia o setor estatal é a base da política de industrialização do país, política proclamada pelo partido governante, o Congresso Nacional, como meio fundamental para que a Índia conquiste a independência econômica. Em sua política econômica o governo da Índia delimita as esferas de atividade do capital estatal e do privado. O Estado coopera no crescimento dos setores da economia que precisam de maiores investimentos de capitais, tais como transportes, energética, metalurgia, construção de

maquinaria pesada, química e outras. As investidas do Estado nos planos quinquenais aumentam em plano absoluto e relativo. No primeiro plano quinquenal supunha 46,4% de todas as investidas de capitais, no terceiro plano quinquenal já se elevaram em 60%. E' significativo o rápido aumento da parte do Estado nos dividendos das sociedades anônimas: de 6,4% em 1956-57 para 29,4% em 1960-61. Entretanto, o setor estatal ocupa atualmente um lugar relativamente modesto no total da economia do país, se bem que desempenhe um papel determinante na indústria pesada. Em 1957-1958, correspondia-lhe pouco mais de 110 do conjunto do produto social e 18 da produção industrial. O setor privado desempenha de tal forma um papel dominante na economia da Índia que lhe correspondem mais de 90% do conjunto do produto social e 87,5% da produção industrial. Ainda que desde então a correlação entre esses índices se tenha modificado um pouco em favor do setor estatal, o setor privado continua ocupando posições dirigentes na economia da Índia.

A burguesia aprova em geral a criação às custas do Estado da estrutura da indústria, pois isso lhe permite inverter recursos em empresas mais rentáveis com rápido giro de capital. Hoje a grande burguesia fortaleceu-se tanto que começa a penetrar já na esfera da indústria pesada, até há pouco prerrogativa do Estado. O que é peculiar na Índia é que nas condi-

ções do capitalismo atualmente desenvolvido alcançam rapidamente o auge os consórcios monopolistas. De tal forma o estabelecimento do setor estatal na Índia transcrito em uma situação complexa, situação de uma espécie de concorrência com o capital estrangeiro, o grande capital nacional e o acentuamento da luta de classes.

Se o poder estatal vai a reboque das potências imperialistas, o setor estatal é utilizado com fins contrários. Por exemplo, no primeiro período após a revolução ant imperialista, na Turquia, o setor estatal desempenhou um acentuado papel positivo. Mas, mais tarde, o entendimento de bloco burguês latifundiário governante com o imperialismo trouxe como consequência a paralisação do setor estatal, a "reprivatização" das mais importantes empresas do Estado. Hoje se tolera na Turquia o setor estatal principalmente porque serve de meio complementar para manter o aparato de guerra, insuflado ao máximo e acionado a serviço dos blocos político-militares da OTAN e da CENTO.

Verificamos pois que o setor estatal da economia surge nos jovens Estados como instrumento de luta contra o imperialismo, prepara as condições para a passagem para o caminho de desenvolvimento não-capitalista, embora, na dependência do caráter do poder do Estado e da correlação entre as forças de classe do país possa ser empregado no interesse da política imperialista.

ESTADO DO RIO: VITORIOSOS OS CANDIDATOS POPULARES

Divulgados os resultados finais das eleições no Estado do Rio, concretiza-se a vitória de todos os candidatos apoiados pelas forças populares e pelos comunistas.

Com exceção da governança, onde se verificou a vitória do sr. Badger da Silveira com margem relativamente pequena sobre o sr. Tenório Cavalcanti, os candidatos apoiados pelos comunistas a vice-governador e senadores (Vasconcelos Torres e Aarão Steinbruch) foram eleitos por expressiva maioria de votos.

CASAS LEGISLATIVAS

Mais destacada ainda foi a vitória dos candidatos populares à Câmara Federal e Assembleia Legislativa. Demisthoicles Baptista e Adão Pereira Nunes foram conduzidos à Câmara dos Deputados com consagrada votação. O combativo dirigente sindical dos ferroviários da Leopoldina obteve cerca de 40.000 votos e Adão Pereira Nunes 20.000.

Os candidatos à Assembleia Legislativa apoiados

pelos comunistas foram todos eleitos. São eles: Elyio Ramalho, Afonso Celso, Aristoteli Miranda, Francisco Alves da Costa e José Antônio. Em suas respectivas legendas estes candidatos estiveram sempre entre os mais votados.

Revista de Letras

É uma valiosa publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Assis, São Paulo. Um dos melhores exemplos de como a atividade cultural no Brasil se descentraliza na medida em que se descentraliza a vida econômica. Neste número de Revista de Letras destacamos alguns dos principais trabalhos: "Iracema e Atala", de Antônio Soares Amorim; "A crise dos costumes nas Minas Gerais do século XVIII", de José Ferreira Carrato e, nas resenhas bibliográficas, "José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo", de José Aderaldo Castelo.

Os Comunistas Gaúchos e o Pleito de 7 de Outubro

Elyo Martins

Nas últimas eleições juntaram-se, num mesmo saco, os partidos mais conservadores das classes dominantes, que atuam no Rio Grande do Sul — PDC, PL, UDN, PSD, PRP, PSP — apoiando o sr. Ildo Meneghetti à governança do Estado. De outro lado o PTB apresentou seu candidato o sr. Elydio Michaelsen, apoiado pelos comunistas. Entre essas duas forças colocou-se o MTR, com Fernando Ferrari, roubando votos da ala popular.

O resultado numérico das eleições deu a vitória ao sr. Ildo Meneghetti, com um terço do eleitorado e, por uma margem de 20 mil votos. A expressiva votação que obteve o sr. Elydio Michaelsen, mais de 400 mil votos, mostrou que as idéias ant imperialistas e antifeudais já atingiram amplas camadas da população.

A vitória dos conservadores não reflete os processos reais que têm lugar no movimento político, no campo ant imperialista e antifeudal e no campo entreguista e antinacional ligado ao latifúndio. Para se compreender as causas que determinaram este passaporte revés, cumpre recordar que o poder econômico, nacional e estrangeiro, funcionou a favor do candidato das forças mais reacionárias. E enquanto o governador do Estado se manteve afastado do pleito, equidistante da pugna eleitoral no Rio Grande do Sul, a chamada "oposição" mobilizou sua máquina naqueles municípios onde governa e teve a seu lado o clero retrógrado que se utilizou de todos os meios a seu alcance para pressionar os católicos a votarem em Meneghetti, que realizou uma campanha de caráter demagógico, explorando motivos populares, como a carestia da vida, falando até mesmo em revolução social e término da exploração do homem pelo homem. O candidato das forças nacionalistas e populares, em vez de tomar posições avançadas, pelo contrário, adotava posições abertamente antipopulares, como simpatia em relação a "Aliança para o Progresso", partidário da Frente Agrária Gaúcha, entidade dirigida por uma cúpula clerical obscurantista, etc. Em vista disto, vários setores da classe média e das massas populares não alimentavam entusiasmo pela candidatura do sr. Elydio Michaelsen.

A posição dos comunistas gaúchos, apoiando a candidatura Michaelsen, era a única justa, e revolucionária capaz de encaminhar a formação de uma coalizão em condições de se opor, nas eleições e depois delas, ao sistema de forças reacionárias e antinacionais articuladas em torno da candidatura Meneghetti. Essa correta posição, decorrente da linha política dos comunistas brasileiros, orientados pelo seu grande líder Luiz Carlos Prestes, contribuiu de forma justa e necessária para a continuação da luta pelas transformações de estrutura da sociedade brasileira, para o fortalecimento da frente nacionalista e popular e a elevação da consciência ant imperialista e antifeudal de amplas camadas do povo gaúcho.

Apesar da vitória do candidato das forças reacionárias ao governo do Estado, o pleito de 7 de outubro proporcionou a eleição para a Câmara Federal de um número apreciável de deputados ant imperialistas patriotas. Igualmente para a Assembleia Legislativa foi eleito um bom número de deputados nacionalistas e democráticos, entre eles o dr. Marino Rodrigues dos Santos, candidato dos comunistas, fato, particularmente, importante, pois desde 1946 que não havia sido possível a eleição de um representante das forças de esquerda e populares à Assembleia Legislativa.

Os comunistas deram sua contribuição positiva para a vitória de vários candidatos à Câmara Federal. Malgrado a campanha anticomunista, nossa votação aumentou de 10.000 sufrágios em relação aos pleitos de 1954 e 1958. Mas, a experiência mostrou que apesar de termos deixado o último lugar para ocuparmos o penúltimo, e fraça ainda nossa força política. Os 33 mil votos conquistados pela le-

genda que apoiamos não representam nem de leve o prestígio das idéias do socialismo e a penetração da influência que desfrutam os comunistas entre as massas populares, entre os setores progressistas de nosso Estado.

A orientação dos comunistas gaúchos foi justa, houve, porém, uma série de erros. Se esses erros fossem evitados, teríamos obtido maior votação. Por parte de alguns comunistas houve um noivo e verdadeiro menosprezo pela campanha eleitoral. Falou-nos um plano mais objetivo que mobilizasse todas as nossas forças e desse a possibilidade de um controle permanente e diário. Nosso plano foi ainda burocrático. Isto contribuiu, em muito, para a tendência sectária de menosprezar as eleições, tendência oportunista que ganhou grande número de camaradas que no curso da campanha quase nada fizeram. Revelou-se, também, a tendência de não dar ao nosso trabalho um tom mais radical, de não desmascarar como devíamos o anticomunismo histórico, que nada mais era do que uma campanha fascista contra os interesses do povo. Outra tendência foi a de não nos diferenciarmos dos demais candidatos, isto é, muito recelo de não aparecermos como comunistas, em colocar num plano secundaríssimo nossas velhas formas de propaganda como o pixamento, comícios em praça pública, comícios-relâmpagos nas portas das fábricas, nas filas de ônibus e outros pontos de concentração. Os nossos candidatos e os comunistas, por não fazerem um trabalho intensivo de comícios, palestras, debates, sabinatas, etc., não travaram na campanha eleitoral uma luta intensa pelos interesses vitais das massas, sobretudo dos operários, dos camponeses e das camadas médias, como condição essencial para alargar nossa influência. Além dessas falhas, foi constatado que nossa ligação com as grandes massas ainda é pequena, particularmente no setor feminino, que é alvo de intensa propaganda ideológica das forças reacionárias.

Ao concluirmos essas rápidas considerações sobre o pleito de outubro no Rio Grande do Sul, temos que afirmar que a vitória do candidato das forças mais conservadoras à governança do Estado representa um retrocesso. Mas pode-se dizer que é um retrocesso permanente? Não. Seria um erro responder afirmativamente. A situação internacional não é favorável à reação e ao fascismo, mas, à democracia e ao progresso; da mesma forma a situação nacional; o amadurecimento político e a experiência das massas no Rio Grande do Sul se encontram num nível muito mais alto; as forças revolucionárias que exigem transformações na estrutura da sociedade brasileira, particularmente a classe operária e os camponeses, também aqui no Estado estão cada vez mais arregimentadas e encontram-se intactas em posição superior quantitativa e qualitativa, com maior prestígio e mais elevado nível de unidade e politização; o acordo interpartidário, realizado durante o pleito dificilmente irá longe. Um acordo interpartidário permanente dos partidos das classes dominantes, onde é constante a luta de interesses de grupos, é quase impossível, sobretudo num Estado como o nosso, em que a situação é de crise em todos os setores da produção, do comércio e das finanças, e que, portanto, envolve mil e uma dificuldades; a eleição mostrou que os partidos da coligação conservadora perderam em grande parte a base de massas que possuíam anteriormente. O sr. Meneghetti, apoiado por 6 partidos, ganhou com um terço dos votos do eleitorado do Estado e perdeu nos grandes centros urbanos. A luta das massas populares que se desencadeará, sem dúvida alguma, levará a aliança a séria crise. As classes dominantes, por mais que se unam sob a égide do imperialismo e do latifúndio, na luta por interesses subalternos, pessoais e de grupos, não poderão resistir à luta das forças patrióticas e democráticas, ant imperialistas e antifeudais, pela entrega da terra aos camponeses, contra a carestia da vida e por um governo nacionalista e democrático.



Foguetes na praça

Milhões de moscovitas comemoraram, no dia 7 último, como em todos os anos, o aniversário da Revolução de Outubro. As festividades deste ano, que marca o 45.º ano de poder socialista na URSS, foram marcadas pela defesa da paz no mundo e pela conquista do Cosmos. As multidões que desfilarão diante do palanque onde se localizavam os dirigentes do governo e do partido da URSS, por-

tavam cartazes e faixas louvando a política de coexistência pacífica e de defesa intransigente da paz levada a cabo pelo governo soviético. As conquistas cômicas da URSS também foram cantadas pelos manifestantes. Na foto, uma visão panorâmica da Praça Vermelha no dia 7, no momento em que subia aos arcos uma réplica de um foguete cósmico.

Que São as Ligas Camponesas?

Conta de Página
Encha

Uma
Lembrança

Rui Facó

Desenvolvimento valioso sob o ponto de vista das ligas camponesas? Primeiro volume da coleção Cadernos do Povo, dirigida por Viria Pinto e João Bivera. Temos aí parte da história do movimento camponês no Nordeste desde a segunda metade da década de 30. É pena que Julião não tenha mostrado o que representava como experiência — positiva ou negativa, não importa — as primeiras ligas camponesas, fundadas ainda na década de 40, sob a orientação do Partido Comunista, em Pernambuco mesmo. Porque acredito que o seu papel foi muito mais importante como fator do despertar da consciência da massa explorada do campo do que os sindicatos rurais, aos quais Julião faz menção de passagem, pois estes não eram reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, enquanto que as primeiras ligas foram legalizadas como entidades civis e constituíram a primeira tentativa séria de organização dos trabalhadores e dos pobres do campo. É sabido que durante o governo Dutra as ligas camponesas do Nordeste sofreram feroz perseguição e finalmente foram destruídas pela polícia e o latifúndio. Mas nem por isso podem ser apagadas da história do movimento camponês.

É possível que Julião tenha considerado essencial de rever a sua própria experiência nas ligas fundadas posteriormente, por não conhecer bem a anterior. Mas é preciso lembrar que há forte e a tradição deixada pelas ligas pioneiras dos anos quarenta, que a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, surgida em 1955, iria ganhar a denominação

popular de Liga Camponesa da Galiléia.

Embora conhecida de relatos anteriores, na imprensa e mesmo em livros, a experiência de luta dos trabalhadores rurais do antigo Engenho Galiléia, narrada por Julião, adquire novos contornos e saliência pelo fato de maior interesse, como o espírito de iniciativa dos próprios camponeses ao fundarem eles mesmos sua organização para enfrentarem o patrão latifundiário; o levantamento inicial de reivindicações as mais modestas (casas, foneles, escola, assistência médica...), quando ainda não estavam convencidos da necessidade de elevar suas lutas até a conquista de um pedaço de terra e a reforma agrária. Julião deixa entrever neste breve relato o quanto foi lenta e gradativa a tomada de consciência dos camponeses que primeiro se arregimentaram em entidades autônomas, até reconhecerem a necessidade de travarem lutas diretas contra a exploração semifeudal e pela posse da terra, até se convencerem de que os recursos jurídicos nem sempre são válidos e que, neste terreno, o latifundiário tem todas as condições para levar a melhor. Mas este convencimento ainda hoje abrange setores limitados da massa camponesa explorada.

Por isso mesmo, considero um evidente exagero afirmar-se, como faz Julião (pp. 64-65), que, na luta econômica e política, "com o camponês não ocorre a mesma coisa" que com o proletariado urbano. E faz um paralelo que não corresponde a realidade his-

tórico-mundial nem do Brasil. Enquanto a classe operária, escreve Julião, "organizada em sindicatos na cidade ou no campo, pode lutar anos sem travando lutas de caráter econômico" e "somente depois de saturada pela experiência e politizada, por força do proselitismo permanente, essas lutas assumem caráter político" o camponês, ao contrário, "quando se organiza, dá, assim um salto, adquirindo a sua luta substância revolucionária, porque quase não passa pela fase da luta econômica durante a qual o patrão anistia, engana e retarda o amadurecimento político da classe operária".

Me semelhante tese, porém verdadeira, é a conclusão de que se deveria logicamente chegar, sendo a massa camponesa pobre e potencialmente revolucionária, a uma situação superior em número aos operários urbanos, caberia a massa camponesa dirigir o processo revolucionário e, por que não?, torná-lo vitorioso imediatamente. Se as lutas de alguns milhares de filiados às ligas camponesas, num país de magia, como por milagre, transformam-se de econômicas em políticas — a revolução social está feita!

Não me parece que a coisa seja tão simples. Creio que este processo de suposta acelerada transição da luta econômica à luta política no campo está mais na cabeça ardente do denodado líder camponês que é Francisco Julião do que na realidade da vida. O nosso campesinato tem mais de quatro séculos de opressão, de atraso econômico e social, de isolamento dos núcleos de civilização que brotaram no litoral e um pouco além, mantendo a distância essa massa miserável e faminta, entregue ao arbítrio e a prepotência dos latifundiários. Seu amadurecimento é lento e gradativo — e não pode ser de outra forma. O importante é que não se efetue espontaneamente, que marche sempre, que adquira proporções nacionais, que acumule forças, pois uma avaliação defetiva de sua consciência e de sua força poderia levar a uma aventura funesta não só para o campesinato pobre como para a revolução brasileira, de que tanto se fala hoje.

Quanto à mudança de comportamento do camponês pobre, Julião ainda fica nos devendo um histórico mais pormenorizado de sua própria experiência como advogado de trabalhadores rurais, que nos mostre as coisas mínimas pelas quais lutavam eles e com que se contentavam — e se contentam ainda — na sua desgraça...

Experiência interessante exposta por Julião neste opusculo é a que se refere aos meios de difusão utilizados pelas ligas camponesas para dar a conhecer ao maior número os seus objetivos entre a massa pobre do campo. "Para despertar, atrair, unir e organizar os camponeses em Ligas", levando em conta o elevado índice de analfabetismo no meio rural, particularmente no Nordeste. Nesse capítulo, Julião faz um sucinto mas significativo levantamento dos recursos tradicionalmente empregados pelos habitantes pobres do campo no seu afã de intercomunicar-se, desde o violão até o folheto e os recitativos de feiras, que nos deram uma literatura de cordel bastante rica, ainda hoje à procura de um estudioso de seu importante conteúdo social.

Mas, não obstante as limitações do trabalho de Julião como simples Caderno, con-

sidero uma falha não haver nele ao menos um esboço da situação econômica e social do campo nordestino, da região onde florescem as ligas. São praticamente omitidos os fatores básicos determinantes de seu aparecimento, podendo dar a impressão de que surgiram por obra e graça deste ou daquele líder, quando o próprio Julião afirma que não foi assim. A liga da Galiléia foi organizada pelos camponeses locais.

Antão, pareceria ao leitor que seriam suficientes fatores de caráter individual para levar o camponês a filiar-se a uma liga. Ou o estímulo produzido pela vitória da revolução cubana. Quando poderosos estímulos internos e que constituiriam as causas imediatas, e fundamentais de seu surgimento, não se em Pernambuco como na Paraíba e em outros Estados, inclusive no sul e no centro-oeste, independentemente da influência do Nordeste.

Não são convincentes os argumentos de Julião de que "para organizar legalmente e pacificamente determinada classe são imprescindíveis três fatores: 1) o jurídico; 2) o financeiro; 3) o econômico. Por outras palavras, a classe a ser organizada precisa: a) dispor na sociedade em que se situa de uma lei que proteja alguns de seus direitos; b) possuir um mínimo de condições financeiras, que lhe permita condizer, legalmente, a defesa de seus direitos; e finalmente, ter um mínimo de condições econômicas, que lhe permita oferecer resistência ao adversário" (p. 50).

Em tese, é falsa esta argumentação. Toda a história da classe operária contemporânea mostra justamente o contrário: a luta dos trabalhadores antecede sempre as concessões "legais" do patronato. Em geral, a lei só reconhece ao trabalhador na sociedade dividida em classes antagonicas, as conquistas já asseguradas na prática, o fato estabelecido. E estas conquistas vieram sempre através de lutas que precederam a legislação e a impuseram. Pode haver exceções em determinados países que adotam leis trabalhistas quando as lutas dos

trabalhadores ainda não assumiram grandes proporções e violências. Mas neste caso são conquistas reflexas das de outros países ou continentes, e a legislação se imprime no país retardado numa tentativa de prevenir lutas futuras inevitáveis, e alcançar a classe dominante ascendente parlamentarista sobre a classe dominada, pelo menos durante algum tempo.

Ao enumerar aqueles três fatores que considera "imprescindíveis" para a organização dos trabalhadores, Julião deixa-se levar pelo fetichismo jurídico. Por que os trabalhadores agrícolas, ou qualquer outro setor, se poderiam organizar-se "legalmente" e "pacificamente"? Por que não seguiriam o exemplo histórico dos operários urbanos, cujas primeiras organizações eram consideradas legais e subversivas, e como tal perseguidas pela burguesia? Possam os camponeses esperar que lhes reconheçam o direito "legal" de se organizarem e ainda hoje as ligas camponesas não existiriam. Outra as perseguiriam e esmagariam tachando-as de ilegais. Os sindicatos rurais, como se sabe, estavam previstos em texto legal, e no entanto o Ministério do Trabalho, durante mais de vinte anos, obstatou por todos os meios o seu reconhecimento com meia-dúzia de exceções. Por que não sair para outro tipo de organização, como se fez finalmente com o simples registro civil das ligas?

Quanto aos dois outros "fatores imprescindíveis" para a organização "legal e pacífica" dos operários agrícolas, o financeiro e o econômico, tampouco têm consistência maior. Não é crível que o camponês consiga organizar-se ao contrário do assalariado agrícola simplesmente porque dispõe de um mísero pedaço de uma enxada, um machado, de um forno de cerâmica e outros instrumentos que lhe permitiriam demandas jurídicas, demoradas com o patrão. Todos os que conhecemos a vida no interior sabemos que aqueles poucos recursos, por si só, não constituem nenhuma garantia quando o camponês é expulso da terra. Normalmente, os seus recursos não lhe permitem questões rememoradas durante anos. A acreditar-se neste pressuposto, teríamos de admitir que a fundação das ligas camponesas, a partir de 1946, decorreria do surgimento de pelo menos um setor do campesinato com posses que lhe permitissem organizar-se para lutar. Quando isto não é verdade. Não é o setor mais aquinhoado que luta; é o mais pobre. O que tem possibilidade e, mais do que isto, impulso para a organização do campesinato trabalhador é a decadência irremediável e final do latifúndio semifeudal, em choque com o desenvolvimento capitalista do país nos últimos anos, acentuando as contradições entre a necessidade de expansão do mercado interno e as limitações impostas a este pelo monopólio da terra. Isto em primeiro lugar. Em segundo lugar, a ruptura do isolamento em que viveu durante séculos o interior, por meio das auto-estradas, das linhas férreas, da aviação mesmo, do rádio, dando em contato direto com as cidades vastas massas da população rural que viviam antes praticamente sem horizontes. Este contato do homem do campo com a cidade que se industrializa tem sido um dos principais fatores do despertar do proletariado e do semiproletariado rural. Além disso, Julião conhece perfeitamente outro importante fator do despertar e da organização da massa camponesa: a

ação dos revolucionários das cidades em contato com os trabalhadores do campo.

Peios argumentos de Julião quanto a ausência de organização entre o proletariado rural, particularmente os assalariados agrícolas das usinas de açúcar, o fato de não dispor em eles dos recursos com que supostamente contaria o camponês das ligas, condenaria os operários rurais a não se organizarem nunca. O que é inadmissível. Existe, e verdade, um sério obstáculo a sua organização, que é a extrema mobilidade em que vivem trabalhando apenas em determinados períodos do ano nesta ou naquela usina, despejados depois da fábrica, para recomençarem ulteriormente em outra empresa ou na mesma, sem qualquer garantia, sem nenhuma estabilidade. Enquanto que o meio, o possessor, o vaqueiro, o possessor de uma estabilidade relativa. Nesse sentido, são muito mais "livres" do que o operário das usinas, que vive num microcosmo ligado pelo arbítrio do usineiro, este empresário que consegue juntar as qualidades de capitalista e senhor feudal, calando o assalariado agrícola entre duas tenazes, duplamente explorado, distando muito de ser um trabalhador livre. E aqui o que decide não é garantir alguma posse ao operário agrícola, esperar que ele tenha recursos econômicos e financeiros para poder enfrentar os pleitos com o patrão. Aqui o que é imperioso é derrubar o muro da usina, acabar com os privilégios do usineiro e com a semi-servidão em que vivem os assalariados. Semelhante tarefa compete aos próprios assalariados agrícolas, sendo impossível realizá-la sem a organização e a luta. Neste ponto, o que tem falhado é o fator subjetivo, a ação conjunta dos operários agrícolas daqueles que têm experiência de organização e luta. Há outros passagens do trabalho de Julião que me parecem disjunctas, como essa de que "o cristianismo desempenhou papel preponderante e decisivo na revolução antiescravidão que resultou na destruição do Império Romano" (p. 17). Considero também um exagero quando afirma que "o camponês é nas condições atuais em que vive, um mistico" (p. 20). Afirmação que certamente resulta de uma observação superficial de alguns movimentos de rebelião sertaneja do passado, sobretudo Canudos, Juazeiro do Norte e Contestado. A parcial historiografia desses acontecimentos confundiu com fins puramente místicos o que, sob uma capa de misticismo ou mesianismo religioso, eram lutas sociais por objetivos materiais imediatos e movidas por uma aspiração, talvez inconsciente ainda, de libertar-se do juízo do latifúndio semifeudal. E basta ver que hoje, na medida em que as massas do campo ganham consciência em si mesmas e de seus direitos a uma vida digna, o misticismo de antanho desaparece, dando lugar a um comportamento social que se aproxima de ideologias que se apoiam na realidade do mundo e da sociedade, objetivando conscientemente mudanças de caráter econômico e social. Mas este tema, tal a sua importância, poderá ser objeto de artigo ulterior.

(*) Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1962.

Brasileiros Podem Aparecer na Enciclopédia do Filme

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota: A Fundação Cinematográfica Brasileira recebeu do redator da "Enciclopédia do Filme" atualmente em preparação nos Estados Unidos da Hungria, um ofício solicitando documentação a respeito da produção cinematográfica brasileira contemporânea. Esse material informativo será igualmente difundido na imprensa especializada do país. Os produtores, diretores, roteiristas, atores e atrizes, técnicos, etc., interessados em ver seus filmes e atividades profissionais registrados pela Enciclopédia Húngara e a imprensa de Budapeste, devem endereçar textos e fotografias correspondentes ao Sr. PETER ABEL AKADÉMIAI KIADO — FILMLEXICON SZERKESTOZEG — BUDAPEST V. — SZALAY

U. 10-14 — HUNGRIA. O material poderá igualmente ser entregue na sede da Cinematografia Brasileira ou da Sociedade Amigos da Cinematografia, que providenciarão a remessa aérea e registrada.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Comunicar de Co. Pacabana (Rio-GB) 12.675,00
Amigo da Tijuca (Rio-GB) 1.000,00
José Lima da Silva (Rio Bonito-RJ) 100,00
Portuária da AFRJ (Rio-GB) 2.000,00

não perca esta oportunidade!

PPS — Problemas da Paz e do Socialismo lhe oferece uma assinatura para 1963 por apenas Cr\$ 600,00 e, gratuitamente, os números de outubro, novembro e dezembro. Você economizará Cr\$ 150,00 e terá assegurada uma leitura indispensável a sua cultura e à correta interpretação marxista do processo de desenvolvimento da sociedade contemporânea. Pedidos à Administração de PPS: Rua da Assembleia, 34, salas 204 e 304, Rio (GB). Valores em nome de H. CORDEIRO.

Problemas da Economia Brasileira

A importância do carvão na economia moderna, os fatores que limitam a produção e o consumo do carvão no Brasil, a atuação dos trustes estrangeiros. O histórico da política cambial brasileira, a política cambial de antes, durante e depois da Instrução 204 e sua subordinação às pressões imperiais. As distorções de nossa estrutura agrícola, o latifúndio, a subprodução agrícola, as formas pré-capitalistas de produção no campo. Estes são alguns dos problemas discutidos por Antônio Luiz Araújo ("Problemas do carvão nacional"), um grupo de técnicos ("Análise e perspectivas da política cambial") e Alberto Passos Guimarães ("A questão agrícola brasileira"), no número 14 de ESTUDOS SOCIAIS, que se encontra nas bancas de jornais. Neste mesmo número, Renato Guimarães faz a crítica do livro de Celso Furtado, "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento". Leandro Konder explica a influência de Rousseau no liberalismo burguês e Jean-Marie Marzão mostra a contradição entre a vida de padre e a atividade operária.

pegou nas costas (suma prova de afeto entre os nativos) o gigantesco Sam Katz, chefe da distribuição mundial da Paramount-Public.

Não sei que tipo de diretor você será (esta é uma fórmula muito característica do "setor comercial" das grandes empresas), mas eu o admitiria imediatamente, para distribuir filmes. Não se podia desejar maior elogio. Passamos o resto do dia com a delegação australiana que, não sei por que, externava especial afeto para com Tisse e eu. O segundo discurso foi muito mais terrível. Pronunciado em Hollywood durante um almoço com todos os representantes da imprensa da Meca cinematográfica. Aqui é onde um lapso, um equívoco, uma nota falsa, podem fazer com que as 400 penas mais afiladas se lancem contra e não a favor de alguém. Quase desde minha partida para os Estados Unidos a imprensa reacionária — e em particular a organização fascizante dos "camisas" do major Pense — tinham armado uma gritaria frenética contra minha estada na América do Norte. Meus anfitriões mostravam-se amistosos e não cediam ao pânico. Contudo, absteram-se precavidamente de dar excessiva publicidade à nossa chegada. Mas a imprensa ardia de curiosidade. Não se deve esquecer que éramos quase os primeiros soviéticos que chegavam à Califórnia. Que entre a América do Norte e nosso país só existiam então relações comerciais. E que a América do Norte do ano trinta era uma América do Norte, anti-soviética, a América do Norte da Lei Sca, a América do Norte imperialista de Hoover. Com a imprensa tem-se que contar sempre. E, com certa inquietação ao pensar no Office Heys e nos primeiros boatos acerca do Comitê Fish, a Paramount oferece um almoço à imprensa no hotel Embassador, no "Salão dos Pássaros", se não estou equivocado.

CURSO DE MARXISMO

"Marxismo, filosofia humanista de nossa época" — e o tema geral de um curso a ser dado pelo professor Jacob Gorenader, a iniciar-se em 9 de janeiro do próximo ano. O curso constará de nove aulas, assim divididas: 1. Caminhos do pensamento filosófico contemporâneo. 2. Materialismo dialético e humanismo. 3. Método científico e valores ideológicos na ciência social. 4. O indivíduo e a sociedade. 5. Liberdade como conceito e realidade (1.º). 6. Liberdade como conceito e realidade (2.º). 7. Igualdade como conceito e realidade. 8. Alienação e emancipação do ser humano. 9. Os valores humanistas de uma nova concepção do mundo e de uma nova sociedade. As aulas se efetuarão às segundas, quartas e sextas-feiras. Local para inscrições: Estudos Sociais, rua São José, 50, sala 502 (5.º andar), das 14 às 17 horas.

Lembro-me, pelo menos, de uma pintura de colíbris de todas as cores ornamentando as paredes. Ou talvez trate-se apenas do gorjeio da grande quantidade de mulheres repórteres que acorreram ao banquete.

Recordo-me do trajeto. Assim devem ir os réus para o patíbulo. Ao meu lado, com seu eterno havana, marcha mr. B.P. Shulberg ("BI-PI"), o boss californiano da Paramount. Pelo caminho, não passa sem entrar no escritório da Bólsa, no hotel, para verificar em lousas negras a marcha das ações que o interessam. Aquil todos são jogadores e jogam em tudo. Apostas nos filmes. Nas ações. Nas eleições. Nos cenários. Nas corridas de cavalos. No provável número de nos que um navio pode prevercer em um dia. E, mais ainda, nas eleições, nas de cada Estado, nas gerais, nas presidenciais to que empresta ainda mais intensidade a febre de cada campanha eleitoral. Perdem fortunas. E voltam a ganhá-las. E as esbanjam outra vez. Outro "grande anelão" do círculo de velhos californianos, papai Lemmle (Universal Film), disse-me que, com o que deixara na roleta de Tia Joana (1), o Monte Carlo da Califórnia, teria podido comprar três vezes todo o estabelecimento.

1. Lugar situado fora da Cidade do México. Durante a época da Lei Sca, que proibiu o jogo de jogos e de bebidas no território dos Estados Unidos, as Bólsas e o jogo eram contrabandeados para as zonas de fronteira. Em bares anquados para tal fim foram criados os "Bólsas". Fora das fronteiras, fora do campo visual dos inspetores americanos como, por exemplo, no centro de Tijuca, México, por trás uma porta disfarçada entre os abrigos de uma guarda-rua, ou no Brooklyn, atrás de uma parede de uma loja aparentemente abandonada e semidestruída. (Nota de S. Eisenstein.)

NR ROMANCE

Páginas da Vida

SERGUEI EISENSTEIN

Ilustrações do autor

A conferência será realizada em Atlantic City (trem especial desde Nova York, um imenso hotel alugado para esta reunião, um salão gigantesco adornado de bandeiras, Austrália, África, França, Inglaterra, os diferentes Estados da América do Norte: Buffalo, Kentucky, Virgínia, Maryland e assim sucessivamente...)

— O senhor tem que conquistar a simpatia dos que vão vender suas futuras películas...

(Nesse tempo, parece-me que tanto Mr. Lasky quanto eu, tínhamos a firme convicção de que chegaríamos efetivamente a entrar em acordo quanto ao tema, embora em Paris já se tivessem chocado nossos pontos de vista acerca do tratamento a ser dado a Zola e Grande Hotel, de Vick Baum.)

— Da impressão pessoal depende muito...

— Mas não se mostre demasiado sério...

— Tampouco vá espantado com sua frivolidade...

— Embora os norte-americanos gostem de anedotas nos discursos.

— Em Nova York, o senhor terá de morar no Savoy-Plaza.

— É uma coisa que lhe é imposta pelo contrato que tem conosco.

— O senhor tem de manter o seu prestígio, assim como o nosso.

— Quando os jornalistas o esperam no vestibulo do hotel.

— É como o valém das ondas.

Entretanto, o mar está completamente calmo. Finalmente encontramos-nos na conferência.

Que eu cala morto agora mesmo se me lembro de uma só palavra de tudo o que lhes dissei. Lembro-me apenas de que me antecedeu no uso da palavra uma mulher que, com seu marido, tinha filmado Chang, o primeiro grande filme sobre elefantes.

Recordo vagamente que tropecei e estive a ponto de cair da tribuna presidencial depois do discurso. E, como em sonhos, lembro-me da espantosa palmada que me

Trabalhadores e Estudantes Paranaenses em Luta Contra Aumentos Escorchantes: Carestia

Curitiba (Da sucursal) — Violenta onda altilista está atingindo o Paraná, os negociantes tratando de aumentar os preços antes que seja levantado o novo salário mínimo.

Os líderes operários e estudantes estão alarmados com a exorbitância dos aumentos e já começaram a articular uma campanha em prol do congelamento dos preços, única solução capaz de fazer com que os novos níveis salariais não sejam ultrapassados antes de decretados.

Os aumentos, manifestados em diversos setores, atingem principalmente a carne, o pão, transportes coletivos e anuidades escolares.

CARNE

O caso da carne é escandaloso. Em pouco mais de três meses, o quilo do produto passou de 250,00 para 280,00, depois para 340,00 e agora para 410,00. E isso sem que nenhuma providência fosse tomada pela ZOAP ou pela Delegacia de Economia Popular.

A ganância nos donos da carne verde pode ser comprovada pela atitude de dois açougueiros de Curitiba (Rua Emanoel Pereira, 39 e Rua Ubalino do Amaral, 645), que continuam vendendo carne de primeira a 270,00 o quilo. Os donos dos açougues afirmam que não há necessidade de tais aumentos, posto que têm boa margem de lucro comercializando o produto nessa base.

ONIBUS

Valendo-se da ausência dos representantes dos trabalhadores e dos estudantes, a CMTC — órgão assessor do prefeito de Curitiba, general Ibery de Matos — consumou um aumento brutal no preço das tarifas de ônibus.

O aumento escorchanto, que em alguns casos chega a 40%, está sendo considerado como o testamento do prefeito de Curitiba, cujo mandato expirou.

Além do aumento, as empresas estão aplicando outro golpe contra a economia dos curitibanos. Consiste em diminuir o número de carros das linhas de curto percurso, mais baratas, forçando o povo a viajar nos ônibus das linhas longas, mais caras.

Em virtude do aumento o representante dos estudantes no órgão controlador dos preços, Pedro Teixeira Chaves, renunciou ao posto, denunciando que ele e o representante dos trabalhadores participavam honestamente nas discussões, discussões que na maioria das vezes, sem que os dois soubessem, não passavam de farças adredemente preparadas pelos tubões.

Os dirigentes das entidades estudantis e dos sindicatos operários estão articulando uma campanha conjunta contra o aumento.

ANUIDADES

Pretextando a falta de recursos para cumprir a lei que instituiu o 13.º mês de salários, a fim de pagar os professores, diversos colégios particulares, leigos e religiosos, estão cobrando um

“reajustamento” de 500,00 em média, devendo o aluno pagar a quantia até 1.º de dezembro, sem o que não poderá examinar.

Os estudantes estão sendo, dessa forma, coagidos a pagar aos professores o que deveria ser pago pelos donos de colégio. Essa taxa já foi considerada ilegal pelo Ministério da Educação, que mandou os diretores devolverem o dinheiro

aos alunos, medida que não está sendo cumprida.

A União Curitiba dos Estudantes Secundários (UCES) e a União Paranaense dos Estudantes Secundários (UPES) organizaram uma comissão encarregada de realizar uma pesquisa na contabilidade dos colégios particulares e verificar se há necessidade ou não da cobrança dessa taxa extraordinária.

Lutas sindicais em MG: tecelões, marceneiros e sapateiros

Além Paraíba: Vitória na Greve dos Tecelões

Belo Horizonte — (Da sucursal) — Os tecelões de Além Paraíba que se encontravam em greve de solidariedade a 19 companheiros que se recusaram a obedecer as determinações no sentido de aumentar de 30 para 60 o número de fusos com que trabalhavam, voltaram ao trabalho depois de terem vitoriosas suas reivindicações. Segundo os entendimen-

tos entre os dirigentes da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Minas Gerais e os diretores da firma empregadora, na Delegacia Regional do Trabalho, os tecelões voltarão sem nenhuma punição.

UNIDADE

A arbitrária resolução dos patrões quanto ao número

de fusos e a dispensa dos que se recusaram a obedecer, gerou entre os trabalhadores, conforme já noticiamos anteriormente, profunda indignação, ocasionando o movimento, que obteve a adesão de várias categorias, como os ferroviários da Leopoldina e os trabalhadores na indústria de papel local, paralisando a cidade.

MARCENEIROS

Os marceneiros desta capital, em reunião que contou com a presença do deputado eleito Sival Bamberira, resolveram reivindicar aumento salarial na base de 80% e mais 30% a partir de junho do ano próximo.

O presidente do Sindicato, João Firmino Luzia, falando na assembléia fez uma exposição do que foi sua gestão no Sindicato e conclamou os operários, a prestigiar a nova diretoria encabeçada pelo antigo militante sindical Alcides de Oliveira.

SAPATEIROS

Também os sapateiros estiveram reunidos, na sede do Sindicato dos Bancários, reivindicando aumento. Os trabalhadores na indústria de calçados reivindicam o mesmo que os marceneiros: 80% agora e mais 30% a partir de junho de 1963.

São Paulo:

CÂMARA DE AMPARO CONDENA BLOQUEIO E APLAUDE JANGO

A Câmara Municipal de Amparo (SP) aprovou requerimento do vereador João Batista Francisco, de aplauso ao presidente da República e ao primeiro-ministro pela atuação do governo brasileiro na recente crise originada pela atitude dos Estados Unidos bloqueando Cuba e ameaçando a humanidade com uma guerra nuclear.

O documento condena a política imperialista do governo norte-americano e se solidariza com Cuba em sua luta pela completa independência política e econômica, além de instar a que o governo brasileiro mantenha-se firme em suas posições de defesa da autodeterminação dos povos e da manutenção da paz.

Telegrama de Julião

Nosso companheiro Rui Faço recebeu de Francisco Julião o seguinte telegrama:

«Recife, 16 de novembro
Parabenizo prezado amigo análise segura e criteriosa resultado pleito, Pernambuco sua reportagem último número NOVOS RUMOS. Abraços, Julião»

Coronel Fabriciano (MG): Eleita Nova Diretoria do Sindicato Dos Metalúrgicos

Foi eleita a 28 de outubro a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Coronel Fabriciano (MG). O pleito foi vencido pela chapa encabeçada por Joaquim Gonçalves da Silva e Geraldo dos Reis Ribeiro, obtendo esmagadora maioria sobre as quatro chapas adversárias, com o dobro de votos das quatro reunidas.

BN: FAVELADOS ENCAMINHAM REIVINDICAÇÕES

Belo Horizonte (Da sucursal) — Os trabalhadores favelados desta capital, reunidos dia 4 na Secretaria de Saúde e Assistência, resolveram encaminhar memorial ao prefeito eleito, sr. Jorge Carone, contendo reivindicações próprias da categoria.

Dentre as diversas reivindicações encaminhadas pela Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, figuram a extinção da cobrança de aluguel nas favelas por exploradores, a desapropriação de todos os terrenos onde já existem favelas, entrega de terrenos ao Departamento de Bairros Populares para venda aos favelados por preços acessíveis, melhorias como água, calçamento, luz e postos médicos.

Bahia: Trabalhadores Pagam Mais e Ganham Menos

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes e Derivados de Salvador, Feira de Santana, São Roque e Maracá, Walter da Matta, enviou-nos uma lista de preços de uma série de artigos de primeira necessidade, acompanhada de um artigo sobre “A Política Salarial e a Posição dos Trabalhadores da Bahia”, cuja íntegra deixamos de publicar por falta de espaço.

EX-COMBATENTES PEDEM PAZ: IX CONVENÇÃO EM CURITIBA

Curitiba (Da sucursal) — De 14 a 19 do corrente realizou-se nesta capital a IX Convenção Nacional da Associação dos Ex-combatentes do Brasil. A reunião — a qual estiveram presentes mais de uma centena de delegados das 38 seções regionais da Associação — aprovou uma resolução em defesa da paz. A mensagem apela para a suspensão das experiências com armas termonucleares, quaisquer que sejam as suas modalidades; conclama os ex-combatentes para uma luta pelo desarmamento geral e controlado e opina que “todas as questões internacionais sejam solucionadas por entendimento e negociações, sem diretamente entre os países interessa-

dos, quer através da Organização das Nações Unidas”. A convenção aprovou igualmente uma Declaração de Princípios, entre principais tópicos reafirmam a posição dos ex-combatentes de energia condenação às guerras e de luta pela consecução de uma paz que permita aos povos construir em harmonia o seu futuro.

Prestigiando o conclave compareceram as autoridades de instalação e encaminhamento o governador Ney Braga, chefe do executivo paranaense, e o marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, este representado. O cônsul da Polónia em Curitiba enviou uma saudação aos participantes da convenção.

OPINIÃO DO LEITOR

PLEBISCITO E PRESIDENCIALISMO

Afirmando que “desta vez a reação udeno-golpista não encontrará mais as forças nacionalistas e democráticas desprevidadas, não sendo mais possível envolvê-las com nova emenda Valadares”, o leitor José Jerônimo, de Assis, Estado do Rio, pronuncia-se pela realização do plebiscito a 6 de janeiro; e declara, desde já, que votará contra o ato adicional originado na capitação do parlamento no episódio da renúncia de Jânio.

NR “MODIFICADO”

Olivia Calabria, de Uberlândia, Minas Gerais, envia por nosso intermédio, uma correspondência para o Conselho Geral dos Trabalhadores, e aproveita a oportunidade para emitir opinião sobre o jornal. Diz: “Parece que houve alguma modificação nos últimos exemplares estão num nível bom”. Olivia afirma que procurará divulgar ainda mais o novo jornal, trabalho que vem fazendo há tempos. “Ja que 52 e mais folhas em uma edição afina com os interesses operários”. No entanto, pede o endereço do CGT. Al via: Conselho Geral dos Trabalhadores, rua dos Anfrades, 56, Rio de Janeiro. E o mesmo endereço da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria.

A PROCURA DOS FILHOS

De Passa Fundo, Rio Grande do Sul, Francisco Russo faz um apelo e indica, quer que NOVOS RUMOS “o seu jornal”, como diz o apelo a encontrar seus dois filhos, desaparecidos, juntamente com sua esposa, desde 1942, quando se mudou para São Paulo. A fim narra Francisco Russo o seu drama: “A dez de novembro de 1942, quando morava em São Paulo, no bairro da Pinha, na travessa Joaquim Ribeiro, número 1, juntamente com minha família, fiz uma viagem a Santos. Ao voltar não encontrei mais minha esposa e meus dois filhos, na época um com sete e outro com cinco anos. Desde então, até os dias de hoje, tenho em vão procurado, gastando tudo o que possuía e posso, sem resultado. Minha esposa chama-se Elvira Arleiro Russo, e meus filhos, Rafael Russo (Tito) e Antônio Russo, nascidos respectivamente em 1935 e 1937. Ambos foram registrados no Cartório Bela Vista, na avenida Brigadeiro Luiz Antônio, na capital de São Paulo. Hoje moro em Passa Fundo, na rua Uruguai, 1521. Onde estou há mais de quinze anos. Peço ao meu jornal encarecidamente que faça todo o possível para tentar descobrir o paradeiro de meus dois filhos. A última notícia que tenho é de que um deles seria funcionário de uma estrada de ferro, em São Paulo”.

Francisco Russo pede particularmente à nova comissão Enxada — “que é muito lida por toda a gente em todo este país”, afirma — que se empenhe ao máximo em ajudá-lo.

Transmitimos à altura de Banho de Chelvo, o apelo, e pedimos encarecidamente a nossos leitores que comunique conosco qualquer notícia sobre o paradeiro dos filhos de Francisco Russo no seu endereço, em Passa Fundo, ou então no endereço: Conselho Geral do Conselho Trabalhador na Indústria gaúcha, ou, ainda, à redação deste jornal.

INSENSATEZ BRITANICA

Manuel Coelho Raposo comerciante em Fortaleza, Ceará, manda-nos uma carta de carta que enviou à direção da emissora BBC de Londres. Na missiva Manuel se confessa decepcionado — ele que sempre elogiara a prudência britânica — com a atitude insensata dos ingleses apolando o bloqueio dos imperialistas lanques a Cuba. Diz ele ao diretor da emissora: “Lamento profundamente ter de me dirigir à rádio que mais escuto para protestar contra a atitude pouco recomendável do governo britânico, quando a minha alegria seria de lhe escrever saudando uma posição justa que esse governo estava na obrigação de tomar. Concluindo, espero que os rumos dos acontecimentos se desenvolvam à base da compreensão e das normas que presidem a verdadeira diplomacia. Caso isto aconteça teremos apenas de lamentar o fato de a Inglaterra haver-se deixado envolver numa aventura inglória. Se, ao contrário, para infelicidade do gênero humano, estes acontecimentos se dirigirem no rumo de uma catástrofe atômica, os poucos que restarem nesta terra terão de pedir contas a todos os estadistas que houverem concorrido para tal consumação”.

AOS FILATELISTAS

Jaroslav Tuma, do endereço Praga 2 — Vinohrady, República Tchecoslováquia, nos faz a seguinte carta: “Peço licença pela minha intromissão. Sou colecionador de selos e estou interessado nos de sua terra. Aprecia-ria muito se os senhores a mim mandassem alguns; se os senhores quiserem, em troca eu enviaria outros. Confiando receber resposta favorável, muito lhes agradeço”.

Com a palavra nossos leitores que se dedicam à filatelia.

VINHO DE AMIGOS

Os trabalhadores nas indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico do Rio Grande do Sul agradeceram a NOVOS RUMOS a participação na campanha pela construção do Hospital Beneficente dos Trabalhadores de Caxias. Juntamente com um amável cartão, assinado pelo deputado Bruno Segalla, presidente do sindicato da categoria, enviaram a todos quanto trabalham cá na casa, garrafas do melhor vinho dos pampas.

PATROL: NOME RO UM

Os servidores do Departamento de Estradas de Rodagem da Guanabara, mandam-nos um exemplar do primeiro número de seu boletim, Patrol, dirigido por Rinaldo Marques Gouveia. Assim, Patrol se apresenta a seus leitores: “Apresentamo-nos a todo o DER, desde o sr. diretor ao mais humilde, no ensejo do lançamento do primeiro número do nosso boletim, que se dispõe a servir a todos. Vimos preencher o vazio existente entre dirigidos e dirigentes. O mundo que evolui vem tornando o trabalho mais humano, mais social, mais cristão, na essência da palavra. Se todos têm direitos e deveres, muitos ignoram, e então, surge a necessidade da imprensa para difundir, educar e defender. E’ isto, o que queremos fazer”.

União Dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

A Diretoria, usando das atribuições que lhe confere o artigo 24.º, alínea D, dos Estatutos e em cumprimento do seu artigo 14.º, convoca, pelo presidente eleito assinado, a Assembléia Geral Ordinária da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), para o dia 21 de janeiro de 1963, em sua nova sede social à rua Adrualdo do Nascimento, 160, sala 3, na Capital do Estado de São Paulo, às 8 horas da manhã, em primeira convocação, ou caso não haja número legal, às 9 horas do mesmo dia e no mesmo local, em segunda e última convocação, com qualquer número, com a seguinte

- ORDEM DO DIA
 - a) Letura, discussão e aprovação da última ata;
 - b) Tomar conhecimento do relatório da Diretoria e do parecer do Conselho Fiscal sobre o balanço e as contas da Diretoria e aprová-los ou não;
 - c) Votar o orçamento da receita e das despesas para o ano de 1963;
 - d) Plano de atividade da ULTAB para o ano 1963 e
 - e) Assuntos gerais
- Pedimos a todas as federações e associações de lavradores e trabalhadores agrícolas filiadas que não deixem de enviar seus representantes devidamente credenciados.
- São Paulo, novembro de 1962.
Lyndolpho Silva — Presidente.

PARANÁ: ESTUDANTES DE ECONOMIA APÓIAM AS REFORMAS DE BASE

Está reunido em Maringá (PR), de 1.º a 5 de novembro, o I Encontro Estadual de Estudantes de Ciências Econômicas, reunindo 50 jovens representantes das Faculdades de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, Universidade Católica do Paraná, Estaduais de Apucarana e Maringá.

José Soares

Faleceu no dia 7 de novembro José Soares, velho militante comunista. Natural do Espírito Santo, filiou-se ao Partido Comunista, no período de democratização do PC. Desde essa época vinha lutando, dia a dia, dando o melhor do seu esforço para a libertação de nosso país e da classe operária.

Barbeiro de profissão, foi despedido por vários patrões, por sua atuação consequente e corajosa, mesmo enfrentando violências policiais, mas sempre acatado e respeitado por quantos puderam com ele privar. Profundamente humano, leal, temperamento alegre, não lhe foi difícil trabalhar por conta própria, de casa em casa, com uma clientela sempre em crescimento, dando, assim, melhor cumprimento às tarefas para a libertação desse povo a que tanto serviu e do qual era legítimo filho.

NO PARANÁ AMOSTRA GRATIS É VENDIDA

Leitor de Jandaia do Sul escreveu-nos denunciando graves irregularidades nas farmácias dos municípios do Norte do Paraná. Em Caloré, por exemplo, os farmacêuticos vendem as amostras grátis que recebem, e por um preço altíssimo. As vacinas contra a poliomielite também foram vendidas pelos negociantes, apesar de terem sido fornecidas gratuitamente pelo governo.

Outro fato escandaloso, ligado a tais vendas ilegais, é a atuação dos fiscais que se deixam subornar abertamente. O Coletor Federal de Jandaia, é sabido, ganha um dinheirão com os impostos imobiliários, sem deixar recibos de prova.

PE: LATIFUNDIÁRIO TORTURA SELVAGEMENTE CAMONÊS SEXAGENÁRIO

Brutalidade inaudita foi cometida no município de Bom Jardim (Pernambuco) contra um pobre camponês sexagenário, por ordem de um latifundiário da região. No dia 30 de outubro o atarralhão fazendeiro Artur Correia de Oliveira, conhecido como Arturzinho, comandou pessoalmente o seqüestro do camponês Hisbelo Barbosa da Silva, de 66 anos de idade e trabalhador do Engenho Desengano, levando-o para o mato da mata e, acompanhado de oito capangas armados

inclusive com armas das forças armadas, submetendo-o a violentas torturas. Depois de submeter o sexagenário às mais terríveis sevícias, o latifundiário espancou-o até à perda dos sentidos, mandou que lhe dessem um banho gelado e o jogassem numa vala ao fundo de sua casa.

Depois de «O Pagador de Promessas»

A Invasão

de DIAS GOMES

no Teatro do Rio

Sessões às 21 horas — Vespertais: quintas e domingos às 16 horas

Cuba nos dias do bloqueio:

O Povo nas Trincheiras em pé de Guerra Pela Paz

Por Dario Carmona (Serviço Especial da Prensa Latina)

Vamos de jipe de uma Unidade a outra, de um setor a outro, visitando as Forças Armadas Revolucionárias.

Na direção vai Norberto Nuñez, magro e de poucas palavras. Mas, quando fala, dá impressão de uma sinceridade que falta à maioria dos indivíduos loquazes. Tem um senso de humor nada ruidoso, mas casticamente cubano: direto ao alvo quando se apresenta uma oportunidade, o riso na hora certa e depois um oportuno retorno à sua seriedade responsável. Nuñez só tem 21 anos mas a Revolução apressou sua formação sem fazê-lo perder sua decidida e espontânea juventude.

Há outros como ele. São os novos cubanos talhados na luta e na educação revolucionária, no sacrifício e na responsabilidade de construir uma nova vida. Continuam sendo simpáticos, naturais; mas com uma dimensão mais profunda, mais concentrada. Com eles, acabou o uso de afirmar sem convicção, casual e gratuitamente, de falar pelo prazer de se deixar levar por uma facilidade de expressão, sem fundamento na realidade.

Evelio, outro combatente que viaja em nosso jipe intervém: — Enquanto eles negociam, estamos dispostos a envelhecer nas trincheiras. Aqui cada um veio com sua boa dose de paciência, coragem e determinação e o que não falta. Cada soldado sabe por que está aqui, como fazer sua missão.

— Cada mês que passa, para nós é como se fosse um ano de experiência. Vamos nos tornando aguerridos... (Ele aqui está empregando uma palavra que Fidel utilizou em seu discurso de 1.º de novembro: "O inimigo — disse o Comandante — hostilizando-nos, tem-nos tornando disciplinares, tem-nos tornando aguerridos"...)

O MAGRÍCULA NUÑEZ

São horas e horas de jipe. Está linda a terra cubana. Não é preciso entender de agricultura para compreender o quanto é fértil: essa fertilidade saíta aos olhos. Um dos soldados pilheriu: "Aqui, a gente basta pronunciar a palavra feijão para logo crescer u'a mata". Mudam as paisagens diante de nós, muda também o clima. Passamos de um sol morno e doce envolto em brisas a pesados aguaceiros de inundar tudo.

Vamos conhecendo mais coisas sobre o magrículo Nuñez. Era garção em uma confeitaria de Havana; e, além disso, fazia o curso de Comércio ("já estava no segundo ano"). Quando aumentaram as agressões imperialistas, apresentou-se como voluntário. Deixou as açúcar e as bandejas pelo fútil. O garção Nuñez, o estudante Nuñez, foi se convertendo também no artilheiro Nuñez. Ele se define a si próprio como "artilheiro de diversos calibres".

Pôs o aprendizado nas escolas de instrução, aprendeu a teoria da Revolução. Conta: "São coisas que a gente sentia que deviam ser assim, mas que com o estudo e a leitura tornam-se sentimentos ainda mais fortes, mais apoiados no solo".

Agora é Instrutor Revolucionário de Artilharia. Um instrutor infatigável, que se esquece de comer e de dormir, plenamente identificado com o tema de seus irmãos, os gloriosos Comissários da guerra espanhola: "os primeiros no ataque, os últimos na retirada".

Quando os pulos do jipe se acentuam, note que Nuñez procura colar com firmeza as costas ao encosto do assento. Um pequeno tique de dor, quase imperceptível, na sobrancelha direita. Pergunta-lhe: "Que foi?" Ele me responde: "Nada. Uma lesão em duas vértebras que às vezes incomoda. Mas estão seguras com uma faixa e um pedaço de ferro e assim não há perigo".

A RETAGUARDA IRMÃ

Debemo-nos junto a uma bateria artilheira. Um robusto canhão convertido em verde arábrea pela camuflagem. Alguém trouxe até aqui notícias da "retaguarda", irmã do front.

— Foi bárbaro. Em alguns hospitais foi preciso conter milicianos enfermos que queriam a todo custo incorporar-se à mobilização, assegurando que de repente se sentiam perfeitamente curados. No Banco de Sangue de Havana viram sair uma senhora desesperada, chorando. Era muito velhinha, de cerca de 80 anos e não tinham querido aceitar a sua doação. Ela se queixava: "Como pode não ser bom o meu sangue, se tenho quatro netos nas trincheiras!"

O artilheiro Zamora explica: — Este é o melhor presente que nos podem dar, a nós que estamos aqui velhos: que não diminua a produção. Essas velhinhas, essas mulheres, essas raparigas, são tão combatentes como nós. E essas companheiras operárias que decidiram em assembleia trabalhar nos sábados à tarde e inclusive aos domingos para que não caia a produção!... Quem é que não sabe o que representa um descanso no fim da semana!

Sentada junto ao canhão, tranqüila, com olhar suave e fiel, a cadelinha "Mili" — mascote dessas artilheiras — parece prestar atenção na conversa. Informam-nos que não está presente o inícuo "Fili", companheiro da mascote: "Deve andar por aí inspecionando", explicou.

— E se sim pode inspecionar — comenta um dos encarregados do canhão — pois é dos nossos. Mas ésses senhores lá de fora podem ir se despedindo de meter o bedelho por aqui.

QUARTETO CAMPONÉS

Simpáticos os quatro camponeses que guardam a metralhadora múltipla, aqui conhecida como "quatro bocas". Encaramulados no fundo de sua trincheira, à sombra da camuflagem bélica, ouvem o que diz o soldado camufelado Cândido Palermo. Com voz clara, marcando muito cada frase, ele lê para os quatro alguns parágrafos da História social de Cuba. E ouviu muito atentamente. Toda pausa na vida de campanha é aproveitada "para que não enferrujem as noções que aprenderam".

São muito jovens. O quarteto somados: 77 anos. Interrumpem a leitura para conversar com o jornalista. Riem das palavras, acolhem qualquer coisa com essa candura contagiante dos camponeses. Apresentam-nos ao seu sargento: Sigfrido Torre: 24 anos, camponês de Média Lina, um povoado da província de Oriente. E o mais velho deles todos. Cumprimentamos o "veterano Sigfrido" entre risos do grupo. E um sargento que não tráz na vista pregadas na farda pelo menos na cabeça as divisas. Recordamos a "rase que nos disse esta manhã o tenente Olegário León, quando contou que às vezes guarda seus galões no bolso da calça e outras vezes debaixo do capacete de aço".

Quando existe companheirismo e todos sabem cumprir com seu dever, não é preciso mostrar galões.

E é assim. A moral desses combatentes cubanos é tão limpa, sua consciência política tão clara, que a disciplina brota como algo natural, sem que ninguém pareça forçá-la ou impô-la.

O quarteto da metralhadora está unido por muitas coisas:

— Os quatro somos revolucionários e somos de Oriente. Somos camponeses e dispararemos o "quatro bocas" quando recebermos ordem. Antes não.

Muito depois uma pausa, precedida por sorrisos maliciosos. Evelio Ricardo, o mais jovem (15 anos), completa a informação:

— Os quatro temos namoradas, uma para cada um. Ficaram em Oriente e pensamos nelas enquanto defendemos a soberania de Cuba...

Houve hoje algumas incursões de aviões ianques. Alguns voando baixo à beira, quase em vôo rasante "Sujam nosso céu", diz um soldado. E António Peña, 19 anos, camponês do povoado de Cacous em Oriente. Mas são dias em que a ira deve ceder lugar à paciência. A paciência vigilante e tensa. E para isso também se necessita muita coragem.

AQUI ESTÁ FIDEL

Fidel está aqui. Não veio hoje, mas está aqui em cada ponto da frente a cada momento. Pode sair de um momento para outro dessa barraca, ou surgir do fundo lamacento daquela trincheira. Os soldados falam nele constantemente:

— Fidel já solucionou esse ponto.

— Fidel já pediu que não se façam julgamentos prematuros.

— Fomos que estar "municiados" com firmeza e fé, como deseja o Comandante. Eu cá comigo tenho boas reservas das duas coisas.

O combatente que estudava eletrônica ("Voltarei a estudar quando os ianques deixarem de criar caso conosco") explica suas impressões. Escutou as palavras de Fidel na noite de 1.º de novembro pelo seu rádio de pilha. Sem deixar seu posto armado de vigilância, com o rádio a seu lado, disse:

A gente está querendo perguntar algo ou gostaria de aclarar determinado ponto; Fidel fala e pronto, vem a resposta e fica tudo esclarecido.

recido. Sei lá, é como se a gente... escutaste a si próprio por dentro.

Contam-me que às vezes o Comandante em Chefe aparece "de verdade". — De repente ele nos faz uma visita. Com suas passadas largas (que para acompanhar o seu passo a gente precisa dar sete ou oito). Conversa conosco os soldados. Conta-nos coisas e presta uma atenção no que dizemos, como se o que dizemos tivesse muita importância!

— Ele costuma dar uma olhada no armamento, nos "ferros" — como nós aqui os chamamos. Mas Fidel prefere mesmo é conversar conosco; ver o que pensamos, o que fazemos, como anda o que ele chama de nosso "grande amadurecimento".

CONSCIÊNCIA COMBATENTE

Um grupo de nuvens obscurece ao cair da tarde. Cimento carregado que anuncia chuva com toda certeza. Enquanto o céu organiza o aguaceiro, falamos com um grupo de combatentes. E discutimos o cronista reter as frases, cheias de sentido popular, com que essas jovens de capacete e uniformes "verdes olivas" explicam por que se encontram aqui. Têm consciência de estar defendendo a Paz com Dignidade para sua Pátria, contida nos Cinco Pontos que no momento fazem vibrar a solidariedade nos povos mais distantes do planeta.

Mas não estão fazendo. Têm, ademais, consciência de que estão fazendo algo pelo mundo inteiro. Sabem disso e fibra e determinação a Insoledade da ameaça lanque. ("Já se viu inimigo!"). Não é isso que nos preocupa. É a possibilidade de estar impedindo ou ferindo outras ações contra outros povos da Terra.

O tenente artilheiro, Olegário León — o que não existe aqui — não se move nem um segundo de seu posto junto ao telefone ("São ordens do Estado Maior") em alerta permanente às Comunicações de Campanha, sistema nervoso da frente. Fala-me com uma segurança sorridente, sabendo o que diz mais como se não quisesse dar-lhe ênfase demasiada.

Todos nós estamos dispostos a dar a vida por uma paz com decência. Estamos dispostos a morrer para defender nosso direito a voltar a nossos postos de trabalho; para construir o Socialismo e tocar para frente nossa Cuba revolucionária.

Assim fala o tenente Olegário. É mecânico têxtil. Trabalhava na Têxtil de Ariguano. Está chamado com Ondina Regalado que é miliciano — "isso em primeiro lugar" — e professora de Corte e Costura no "Ayuntamiento" de Baute. Tem um filho: Carlotto, de 10 anos. "Naturalmente é pilhoner". Olegário León já não os vê há quase um mês, quando se iniciou a mobilização, o "Alerta de Combate" ordenado por Fidel. O operário-tenente conclui a conversa dizendo:

— Quando suspenderem o entrançamento, vou correndo ao encontro de Ondina e Carlotto. Voltarei para a Têxtil de Ariguano até que necessitem de mim outra vez aqui.

O RAPAZINHO DE ABRIL

De novo no jipe, cruzando estradas já agora em plena noite. Ao passarmos junto a um campo ondulados, o magrículo Nuñez me diz: — Por aqui tenho um irmão entrançado. — Longo silêncio. Depois, pouco a pouco, Norberto Nuñez vai me confiando detalhes de sua vida. Tenho que interrogá-lo como quem não quer, para que ele não se dê conta. Do contrário, não diz mais nada. Conta:

— Casel-me em Junho deste ano com Eida, uma moça de Santa Clara. Ela é uma "federada", tem 17 anos e também é bonita.

Sorri ao lembrar-se dela: "Claro que também é bonita". Depois me fala de uma boia que recebeu do Governo Revolucionário e que, com a mobilização e tudo o mais, ainda não pôde aproveitar. Continua contando:

— Minha esposa espera uma criança para abril do ano que vem. Alguns me dizem: "vais ganhar um milicianinho". Eu não digo nada, mas preferiria que meu filho, em vez de miliciano, pudesse ser estudante. Gostaria que tivesse uma profissão e que trabalhasse pela Cuba que nós desejamos.

Borri de novo, enquanto dirige o jipe na longa viagem noturna:

— Sim, tomara que não precisasse de miliciano. Estudante; um bom estudante. Para isso estou aqui. Para isso estamos dispostos a lutar todos.

AS ELEIÇÕES FRANCESAS

Os resultados das eleições de domingo último na França indicam uma polarização mais radical do eleitorado, ao mesmo tempo que um considerável desencanto em relação à Quinta República do general de Gaulle. Gaúllistas votaram em relação ao Partido Comunista, de um lado, e a UPR (União pela Nova República), do outro.

Os resultados são significativos: a UPR, lista de Gaúllistas e aparentados obteve mais de 31 por cento da votação, com um total de 3 milhões 847 mil votos, em números redondos. O Partido Comunista alcançou 3 milhões 592 mil votos, cerca de 22 por cento do total dos votantes, crescendo sua votação em mais de 120 mil votos sobre as eleições de 1958.

Assim, mais de 50 por cento da votação se concentrou nas duas principais forças políticas que disputam o Poder hoje na França.

Enquanto se verificava esta polarização, os socialistas, pelo fato de terem seguido uma política vacilante nos últimos anos em relação aos grandes problemas da França e ao próprio de Gaulle, continuaram a perder eleitorado. Alcançaram agora apenas 2 milhões e 320 mil votos, contra 3 milhões

176, mil em 1958, ou seja, uma queda de 15,5% do total de votos em 1958 para 12.651. Isto é, mais de 800 mil votos a menos.

Isto não obstante houve o secretário do Partido Socialista, Guy Mollet, declarado antes do pleito que, em face ao praguio de eleição de um degaullista, os socialistas votariam num candidato comunista. Ainda que forçado a tomar esta posição pelas inclinações das bases do partido, os líderes socialistas não li-



de Gaulle em 1958

veram coragem suficiente para fazer uma frente única com os comunistas, quando então constituiriam uma força invencível. Os dois partidos, juntos, englobariam mais de 6 milhões e 300 mil votos, podendo derrotar por boa margem a aliança dos degaullistas.

Não há dúvida de que socialistas e comunistas têm contribuído para o enfraquecimento da

força de esquerda na França e, numa eleição como esta agora, para a grande e talvez inédita abstenção que se registou domingo: cerca de 32 por cento do eleitorado francês não compareceu às urnas! Setores indiferentes do eleitorado francês, mesmo quando anti-degaullista, sabiam com antecipação que de Gaulle venceria, uma vez que as principais forças de esquerda continuam divididas. Era um motivo de desencanto e, por isso, de abstenção.

De qualquer forma, a posição assumida pela direção do Partido Socialista foi uma reaproximação com o Partido Comunista, embora ainda muito tímida. Mas uma tendência semelhante que poderia existir na frente única pela qual se batem insistentemente os comunistas.

Em resumo: segundo escrutínio das eleições na França, domingo próximo, não modificará os resultados essenciais já enunciados. De Gaulle terá a um ano considerável: base eleitoral e, mais ainda, parlamentar para governar o país com os poderes pessoais que possui.

Mas cresceram ao mesmo tempo as possibilidades de uma irremediável divisão das forças autenticamente democráticas e republicanas, a começar pelos comunistas e socialistas, numa união de ação que encontra agora a maior dificuldade para efetivar-se neste período de guerra.

ADENAUER DIANTE DO «ESPELHO»

Espionagem. Revelação de segredos de Estado. Prião de um redator da revista "Der Spiegel", da República Federal Alemã, a qual teve sua redação varreda. A opinião pública alemã-ocidental, revoltada com as ações arbitrárias do ministro da Defesa, Franz Josef Strauss, exige a renúncia do Governo de Adenauer... Demitem-se finalmente esta semana 5 mil-nistros do Partido Liberal.

Resultado: crise no governo de Bonn. A origem da crise estaria naqueles episódios, que revoltaram e escandalizaram a opinião pública alemã e repercutem agora profundamente em todo o mundo.

Esta é a cena que está diante dos espectadores. O verdadeiro drama se desenrola nos bastidores e tudo aquilo que se vê em primeiro plano não passa de um diversionismo.

O chamado caso da revista burguesa "Der Spiegel" ("O Espelho") foi a gota d'água que fez transbordar a taça. A realidade é que o governo da República Federal Alemã mergulha numa crise cujas raízes são muito mais profundas do que um suposto ato de es-

piagem e violência que houve de fato contra um órgão de imprensa.

A crise política alemã resulta de que a Alemanha Ocidental está se afundando no mesmo lodacão que gerou o nazismo e a Segunda Guerra Mundial. Resulta da preponderância crescente dos antigos nazistas e dos militaristas nos assuntos da RFA sob Adenauer. De uma política externa de aliança com os belicistas norte-americanos e seus apunhaçados do Pacto de guerra do Atlântico Norte, a OTAN. São duas tendências que se contrapõem cada vez mais claramente: a da camarilha de Adenauer, que se destina a conduzir novamente a Alemanha Ocidental à guerra de agressão, e a do povo alemão, que odeia a guerra e tem horror às suas terríveis consequências, inclusive a possibilidade de ser a Alemanha varrida do mapa.

O povo alemão não quer que continue a política suicida do governo Adenauer, política de guerra e fascistação. Daí a demissão dos cinco ministros liberais e a exigência de renúncia do ministro da Guerra, Strauss, um dos principais responsá-

veis pela política revanchista de Bonn.

E provável que Adenauer ainda consiga pôr panos quentes na crise deflagrada. Mas os acontecimentos da Alemanha Ocidental demonstram que a orientação seguida por Adenauer está condenada ao completo malogro. O povo alemão não quer a guerra, única alternativa que lhe indica o atual chanceler alemão quando se recusa obstinadamente a entendimentos com a República Democrática Alemã e a União Soviética, para a solução da unidade alemã e do problema de Berlim. Este último adquire características de extrema gravidade, na medida em que o setor ocupado pelos norte-americanos, ingleses e franceses se transforma em preço de armas destinada evidentemente a uma aventura militar. O povo alemão não pode aceitar que aventuras semelhantes lhe custaram neste século duas tremendas catástrofes. Se a camarilha de Adenauer-Strauss joga uma carta de vida ou morte, o povo alemão tem o futuro à sua frente — e este se baseia na coexistência pacífica com todos os países, em particular com os Estados vizinhos.

BRASILEIRO RECÉM-CHEGADO DA URSS CRITICA O PROJETO DE OTON MADER

O bancário Custódio Gomes Sobrinho chegou segunda-feira, dia 19, de Moscou, onde fez um curso de língua e literatura russas.

Procurado por NOVOS RUMOS, não se recusou a fornecer algumas impressões sobre sua estada na União Soviética e sobre o recente projeto apresentado pelo deputado Oton Mader visando abrir um crédito especial para "reparar" os brasileiros que se encontram na URSS.

Afirmando só haver tomado do conhecimento do projeto depois de chegar, o bancário declarou:

— Os estudantes brasileiros na URSS vivem muito bem. Ganham noventa rublos por mês e podem vi-

ver facilmente com a metade dessa quantia. Tanto assim que alguns puderam economizar e fazer excursões por países estrangeiros durante as férias.

Indagamos se existe o problema dos jovens desajurados retornar imediatamente ao Brasil. Sua resposta veio clara:

— Isso, em termo, gerais, não existe. O que há é de alguns, por motivos de família ou inadaptação ao clima e à alimentação, precisarem voltar. Mas apenas por isso. Ao todo não passaram de cinco.

Quisemos saber a razão de sua volta:

— Muito simples. Foi estudar línguas e literatura russas num curso especial organizado pela Universidade de Moscou para professores de países estrangeiros. Terminado o curso e de posse do diploma, voltei.

Sobre o projeto do deputado Custódio Gomes Sobrinho afirmou:

— Tive conhecimento do projeto já aqui no Brasil e fiquei admirado com a afir-

mação de que existem cerca de 800 brasileiros na URSS, desejosos de voltar. Em primeiro lugar, o número é falso. Em Moscou, onde se concentra a grande massa de estudantes estrangeiros, o número de nossos patriotas não ultrapassa a casa dos setenta. Em segundo lugar, o que é mais importante, todos foram espontaneamente, com passagens pagas pela Universidade, o que, desde logo, dispensa as verbas propostas pelo deputado.

Terminou criticando o deputado e sugerindo:

— Ele, como homem que exerce uma função pública, faria muito melhor se em vez de criar celeuma em torno de um problema inexistente, procurasse estimular os contatos culturais com todos os países do mundo, principalmente através do envio dos melhores representantes da nossa mocidade aos centros de ensino estrangeiros que oferecem oportunidade como essa, sem preconceitos ou discriminações.

PELOTAS: SOLIDARIEDADE A CUBA

O povo de Pelotas, no Rio Grande do Sul, participou ativamente na batalha de solidariedade a Cuba, com as amarelas do Integralismo Inaque que levaram o mundo à beira de uma catástrofe atômica.

Diversos foram os manifestos estudantis, diretos sindicais, povo em geral — em defesa da soberania cubana, contra as agressões norte-americanas, com cartazes e centenas de assinaturas.

Os estudantes resolveram ainda constituir uma comissão encarregada de manter uma solidariedade ativa aos cubanos, a fim de defender também a integridade e a soberania dos povos da América Latina.

APELO DE JUAN MARINELLO AO BRASIL: PAZ

Juan Marinello, Reitor da Universidade de Havana e presidente do Movimento da Paz e Soberania dos Povos, enviou um telegrama a D. Branca Fialho, presidente da Comissão Feminina de Intercâmbio e Amizade, fazendo um apelo à solidariedade em face da ameaça à paz mundial representada pelo projeto Inaque de invadir Cuba.

A mensagem denuncia a continuação de atos agressivos por parte dos círculos belicistas norte-americanos, tais como as constantes violações do espaço aéreo cubano no momento mesmo das negociações visando a defesa da soberania da Ilha.

REVISTAS E LIVROS SOVIÉTICOS

Há quem deseje acompanhar o vertiginoso progresso da sociedade socialista na URSS, em marcha batida para o comunismo. Um meio prático será através da leitura de revistas ilustradas e de livros soviéticos. São livros e revistas que tratam de civis e pessoas, das ciências e das artes, da literatura e da economia, da agricultura e da indústria, do ensino e do papel da mulher na sociedade soviética, abarcando todos os aspectos da vida e da cultura dos povos da URSS. Procure adquirir o que há de mais legítimo e atual nesse sentido, em francês, espanhol, inglês, alemão, russo, tcheco, polonês, etc.

UNION SOVIETICA — Informações Ilustradas dos vários aspectos da vida na URSS. Assinatura: Cr\$ 800,00.

TIEMPOS NUEVOS — política exterior da URSS em benefício da paz e da coexistência pacífica entre nações de diferentes sistemas sociais. Assinatura: Cr\$ 600,00.

LITERATURA SOVIETICA — órgão da União dos Escritores Soviéticos. Assinatura: Cr\$ 600,00.

MUJER SOVIETICA — tudo sobre a vida da mulher na sociedade soviética. Assinatura: Cr\$ 460,00.

CULTURA Y VIDA — literatura, música, teatro, pintura, arquitetura, etc. Assinatura: Cr\$ 460,00.

NOVEDADES DE MOSCÚ — semanário noticioso e informativo, acompanhado com comentários de suplementos com os mais importantes documentos do governo soviético. Assinatura: Cr\$ 560,00.

FILMS SOVIÉTICOS — revista que é expressão de um novo cinema para uma nova sociedade e de uma nova cultura. Assinatura: Cr\$ 600,00.

Catálogos e informações no Rio de Janeiro (GB) — EDITORIAL VITÓRIA LTDA. — Rua Juan Pablo Duarte, 50, sob. telefone 22-1612; LIVRARIA INTULIV, Rua Senador Dantas, 117, sobreloja 206. Em São Paulo (Capital): AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL (Jurandir Guimarães), Rua 15 de Novembro 228 — Sala 209 — Atende-se pelo Reembolso Postal.

MISSÃO CHINESA NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE OS DOIS POVOS

Desembarcou terça-feira última, dia 20, no Galeão, a delegação econômica e comercial da República Popular da China que, a convite do Banco do Brasil, veio tratar da parte final do ajuste de pagamentos e comércio firmado entre o Banco Popular da China e o nosso estabelecimento oficial de crédito. A missão comercial chinesa manterá no Brasil entendimentos visando desenvolver as negociações comerciais iniciadas entre os dois países quando da visita do então vice-presidente João Goulart à China, em 1961.

Na ocasião do desembarque do dr. Chi Chao Ting, presidente da delegação, proferiu o seguinte discurso:

«É com grande satisfação que nós, a convite do Banco do Brasil, chegamos a este belo país. Neste momento ao pisarmos território brasileiro, permito-me exprimir, em nome de todos os membros da Delegação econômica e comercial da China, nossa gratidão aos nossos hospedeiros, assim como aproveitar esta ocasião para trazer ao povo brasileiro as atenciosas saudações de amizade do povo chinês.

Tanto a China como o Brasil são países de grandes extensões territoriais e abundantes riquezas naturais. Ambos os povos, a despeito

de estarem separados por imensos oceanos, têm entre si, de há muito, vínculos de amizade e intercâmbio comercial. Após a visita à China da Missão comercial chinesa por sua excelência o sr. João Goulart, então vice-presidente do Brasil, e a assinatura do Ajuste de Pagamentos e Comércio entre o Banco Popular da China e o Banco do Brasil, já estão presentes condições favoráveis para o desenvolvimento gradual do comércio entre a China e o Brasil. E de acordo com o mencionado Ajuste que nós, a Delegação econômica e comercial da China, realizamos esta visita a convite do Banco do Brasil. Esperamos fazer uma troca de opiniões com o Banco do Brasil, os círculos industriais e comerciais e outros setores do Brasil sobre o desenvolvimento ulterior do comércio entre os dois países. Falando em geral, ao levarmos em conta os ricos recursos naturais e as amplas perspectivas de desenvolvimento econômico dos dois países, estamos certos de que o comércio entre ambos os países terá o ponto de vista de um longo período, um porvir promissor. Abrigamos vivas esperanças no sentido de que nossa visita se faça favorável ao desenvolvimento do comércio entre a China e o Brasil.»

A DELEGAÇÃO

A Missão comercial chinesa está assim constituída: presidente: Chi Chao Ting (dr. em física), vice-presidente do Conselho Chinês para Promoção do Comércio Internacional, deputado, diretor do Banco da China, membro do Comitê Nacional da Conferência Consultiva do Povo Chinês e vice-presidente da Associação Latino-Americana-Chinesa de Amizade;

Membros: Chang Yun Hsiao, deputado, membro do Conselho de Administração da Indústria Nacional da China; Hou Tung, deputado e inspetor geral do Banco da China; Chou Te Li, deputado, dirigente do Escritório Geral do Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional; Chen Yun I, intérprete e Chen Ching Tang, secretário.

BOAS VINDAS

Os categorizados representantes do governo chinês foram recebidos no aeroporto por altos funcionários do Banco do Brasil e do Ministério das Relações Exteriores. NOVOS RUMOS também apresentou votos de boas vindas aos lustrres visitantes, por intermédio do jornalista Henrique Cordeiro, que compareceu ao desembarque.

Ganham vulto os rumores de que os novos níveis de salário mínimo serão fixados na base de um aumento de 70% sobre os atualmente vigentes, e que somente a partir de 1.º de janeiro entrará em vigor. Possivelmente dia 22, o Conselho de Ministros deverá anunciar o que nesse sentido foi resolvido pelo Governo. Para isso foi convocada reunião do Gabinete, quando serão apreciados o relatório do ministro sem pasta Celso Furtado, e os estudos do SIEPT sobre os índices do aumento do custo de vida em diferentes regiões do país, dados esses que servirão de base para fixação do "quantum".

Caso se confirmem tais rumores, o Governo estará marchando ostensivamente contra uma sentida reivindicação dos trabalhadores, que, através do Comando Geral do Trabalhadores, e isto recentemente, provaram que a carestia impõe a revisão do salário-mínimo na base mínima de 80%, havendo algumas regiões onde o aumento, pelos mesmos motivos, terá de ser de 100%.

CARESTIA GALOPANTE

Para a maioria dos dirigentes sindicais, os efeitos do novo salário-mínimo já foram praticamente anulados pelo salto inflacionário das últimas semanas, quando os artigos de consumo forçados, em sua quase totalidade, sofreram brutais majorações.

Autorizados ou não pelos órgãos oficiais de controle de preço e abastecimento, sofreram aumento o arroz, o feijão, o leite, açúcar, remédios, etc. em bases que alcançam até 150%. Para os próximos dias já se anuncia o aumento do pão para 100 cruzeiros o quilo, enquanto a carne começa a desaparecer dos açougues, denunciando clássica manobra dos especuladores, que assim procedem sempre que desejam arrancar um aumento para este ou aquele produto. No setor de roupas, calçados, alugueis e artigos de consumo não essencial ou secundário, o panorama pode ser pintado com as mesmas cores de uma situação insustentável. De um mês para outro os salários se tornam obsoletos, as despesas domésticas alcançam níveis assustadores. Tudo isso sem que nenhuma ação governamental se faça sentir para coibir os abusos. Sob certo aspecto o governo, até que os estimula, ao permitir ou alimentar as protelações em torno da decretação do novo salário-mínimo, que na prática já foi absorvido pela carestia, antes mesmo de conhecidas suas bases e data de vigência.

ênfase especial deve ser dada ao caso do 13.º salário, em função dos quais colégios particulares e outros serviços prestados à população já estão tendo suas taxas majoradas. Tal majoração é absurdamente admitida pelo governo, que, entretanto, não teve a coragem para, através de um pronunciamento claro e categorico, lutar com a pretensão patronal de minimizar os benefícios desse salário extra.

DIVERSIONISMO

Procurando resguardar-se da repercussão desfavorável da sua vacilação, que somente favorece às chamadas "classes produtoras", o Governo está adotando uma política diversionista, não negando expressamente o que reivindicam os trabalhadores, mas estimulando as manobras e resistências dos patrões. Estes querem burlar o pagamento integral do 13.º salário e dar vigência remota aos novos níveis de salário-mínimo, cujas bases, se aceitas as teses do patronato, ficariam muito aquém do aumento experimentado pelo custo de vida.

A máquina governamental foi mobilizada para sensibilizar a opinião pública, de quem se pretende conseguir outras doses de sacrifício "em favor do País". Foi esse o objetivo das dramáticas "revelações" do ministro da Fazenda, que na semana passada ilustrou com pinceladas de grande emotividade a situação nacional, para, finalmente, sugerir o "remédio" milagroso: medidas de radical contenção salarial e outras de inspiração semelhante, cuja aplicação serão maiores sacrifícios para as massas proletárias.

Mínimo de 80% e Pagamento

Integral do 13.º Salário

Para Enfrentar a Carestia

O ministro do Trabalho também foi envolvido nesse jogo diversionista. Seus pronunciamentos dúbios não respondem as indagações dos trabalhadores, que desde muito perceberam que os constantes adiamentos na decretação do novo salário-mínimo são pura manobra protelatória, e que as marchas e contra-marchas obedecem tão somente ao interesse das empresas.

O 13.º SALÁRIO

No caso do 13.º salário o problema toma aspecto mais sério, pois, em última análise, representa clara e ostensiva insubordinação contra decisão do Congresso. O pagamento desse benefício passa a ser, assim, uma nova batalha de classes, com os patrões tentando fugir ao atendimento de mais um direito conquistado pelos trabalhadores. A própria Constituição da República já estabelece a "participação obrigatória do trabalhador nos lucros das empresas, nos termos e pela forma que a lei determina." Trata-se, portanto, de um pleno e líquido direito do assalariado, e não uma benesse piedosa dos empregadores ou, mesmo, das instituições estatais.

Como argumento para não pagar o 13.º salário, os patrões alegam falta de recursos e pretextos de ordem legal, recorrendo a sofismas chicanes. Carecem de valor prático, porém, tais "interpretações" da lei 4.090, que consagrou o 13.º salário. Os que contra ela se rebelam, apenas põem a descoberto sua mentalidade reacionária e o profundo desprezo que sentem pelos trabalhadores. Afinal, o salário extra nada mais representa senão a obrigatoriedade de uma

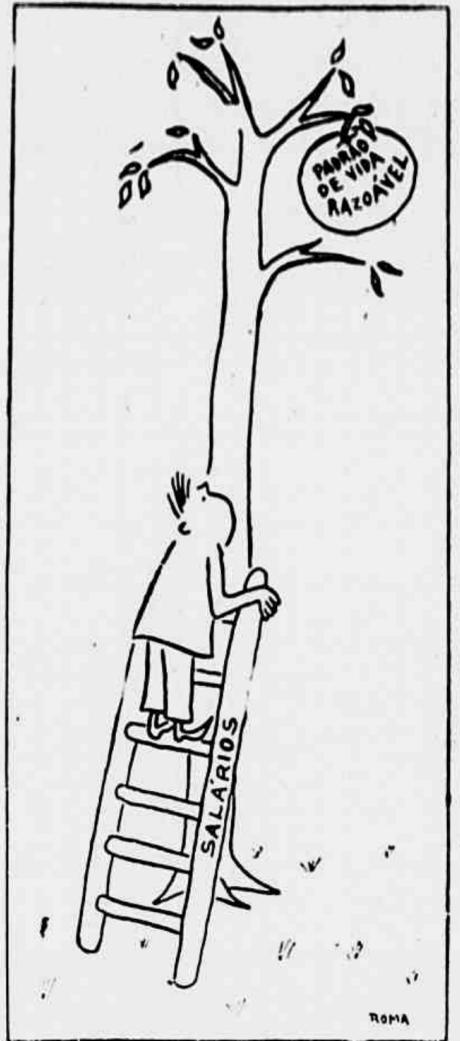
prática há muito adotada pela maioria das empresas, e a recusa em atendê-la revela a verdadeira natureza que os dirigentes de empresas sempre dispensaram a qualquer ato do governo do sr. João Goulart.

A POSIÇÃO DO CGT

É perfeitamente justa, portanto, justa e coerente, a atitude assumida pelos líderes sindicais que dirigem o Comando Geral dos Trabalhadores: vigência do salário-mínimo a partir de 1.º de dezembro; aumento mínimo na base de 80%, e nenhuma discussão sobre o 13.º salário, que, por ser lei soberanamente votada pelo Congresso, não pode ser objetivo de pechinelha para agradar os patrões.

Ha oito dias atrás o ministro João Pinheiro Neto rebateu os porta-vozes do comércio e da indústria, ao dizer que o processo inflacionário não é provocado pelo problema salarial. Indo mais à frente, revelou que, inclusive, em de ano para ano a participação do salário como componente do custo industrial da maioria dos produtos, e que o salário real do trabalhador, que em 1938 somava 3,5 bilhões de cruzeiros, caiu no ano seguinte para 3,2 bilhões, enquanto a produção industrial continuou aumentando.

Diante dessa realidade, não se compreende que o sr. João Goulart ainda vacile ou faça concessões aos gananciosos homens de empresa. Não se compreende, igualmente, que assim proceda também o Gabinete, mesmo porque os trabalhadores estão dispostos a lutar pelos pontos fixados pela direção do CGT.



NOVOS RUMOS

Com Greve de 72 Horas

Gráficos e Jornalistas

Selaram Unidade na GB



Revelaram-se, na recente greve dos gráficos e jornalistas da Guanabara, todos os "picaretas" encastelados em postos de direção de jornais. Nascimento Brito, mentalidade anti-jornalística levou o desespero à área do "Jornal do Brasil". Preocupado em defender a casa da sogra, transformou o Condado numa cela caótica. Portinho, o soba dos "Diários Associados", capitão-do-mato de Chateaubriand, teve ataques histéricos, descambou para recursos ridículos frente às dezenas de profissionais unidos nos piquetes. Coube ao gerente do "O Correo da Manhã", um pobre diabo que não merece, sequer, ter o nome mencionado, a parte mais "heróica" da história:

"Nem com canhões e metralhadoras à porta — disse ele — o "Correo" deixou de circular. Não é um grupo de marginais que vai impedi-lo!"

... "O Correo da Manhã" não circulou tres dias!

AMEDRONTADOS

A verdade é que "eles" não esperavam que a greve fosse deflagrada. Sabiam que na mais de 32 anos os gráficos do Rio não conseguiam sucesso em movimentos dessa ordem, e jamais suspenderam que os jornalistas participariam de uma greve com o pessoal das oficinas.

Chagas Freitas, o falso populista, formou na testa dos interesses das empresas; fazendo chicanes, enganando gráfico, ludibriando dirigente sindical. Desde o início procurou fazer crer que o impasse era provocado pelo Portinho, dos "Diários" e pelo preposto do Paulo Bittencourt. Mas sua manobra foi a tempo descoberta... e "O Dia" e "A Notícia" foram os primeiros que pararam.

Danton Jobim, "professor de jornalismo" e diretor do "Diário Carioca", preferiu não discutir: assim que soube da greve dos gráficos e da assembleia dos jornalistas, deu ordem para que seu jornal não circulasse.

Por que não haver "Diário Carioca"? Medida de economia — explicam os profissionais da imprensa carioca. Cada edição do DC significa um prejuízo de meio milhão à empresa (a empresa, não aos diretores) — portanto, não circular é lucro!

Roberto Marinho foi surpreendido pela parede quando se preparava para liberar a edição "nacional" do seu jornal. Ficou apavorado com as três centenas de homens postados nas portas da sua cidadela. Preferiu negociar, ao mesmo tempo que mandava suspender os trabalhos nas oficinas e redação. Pediu, ao piquete, trânsito livre para a edição nacional. Pedido negado. Embora protegido por alguns choques policiais, o melífluo proprietário de "O Globo" preferiu aceitar a imposição dos profissionais de imprensa.

"Não quero violência na porta do meu jornal" — foi o pretexto que invocou para o recuo.

Oficialmente, a greve começou às 6 horas do dia 13 do corrente. Mas desde as 21 horas do dia anterior, a maioria das redações e oficinas não mais estavam funcionando.

AÇÃO POLICIAL

Em "O Globo" e "Correo da Manhã" os piquetes de gráficos e jornalistas tiveram dificuldades com elementos da polícia. Consentes do tipo de gente que tinham pela frente, os policiais apelaram para os "entendimentos amigáveis", para as "conversas entre pessoas educadas", para os "acórdos entre cavalheiros". Mesmo no "Correo da Manhã", onde a repressão policial foi mais enérgica, os piquetes atuaram com certa liberdade, recuando em dados momentos, para avançar logo depois.

Por que tal tolerância da polícia?

Por causa do medo que assaltou os policiais e muitos donos de jornais.

Médo de quem?

1) Médo das forças federais. Com efeito, apesar dos apelos dos donos de jornais, os policiais foram bastante sensatos para perceber que os jornalistas poderiam conseguir a presença de forças federais para garantir seu direito à livre manifestação dos seus problemas.

2) Médo dos próprios jornalistas, principalmente dos repórteres das seções policiais, que conhecem muita coisa "interessante" sobre os "agentes da lei". Indivíduos profundamente vulneráveis, interessados em sonegar ao público muito do que fazem ou pretendem fazer, os nossos policiais preferem gozar da amizade dos repórteres...

E tudo isso valeu como experiência: policial pensa duas vezes, antes de investir contra piquete integrado por jornalista.

Já na manhã do dia 14 os donos de jornais da Guanabara aceitavam a derrota como fato consumado. Suas oficinas e redações, entregues às baratas, eram a melhor manifestação de que alcançara pleno êxito a greve dos gráficos e jornalistas.

Nas portas das empresas, compactos piquetes zelavam para que não fosse quebrada a unidade do movimento. Nos sindicatos, os grupos de reserva permanciam de sobrevivo, prontos para entrar em ação onde se fizesse necessário.

Mas nem por isso os patrões haviam de confessar sua derrota. Manobrando sempre, divulgando boatos e calúnias, tentaram, inutilmente, lançar o público contra os seus empregados. Como recurso tático, manifestavam a disposição de lançar nas ruas edições de seus jornais, com isso forçando os piquetes a uma atividade exaustiva, que rápida e esgotava a massa grevista.

Apesar de, oficialmente, já se terem declarado em "lock-out", como protesto contra a greve, as empresas esperavam apenas um afrouxamento da vigilância. Não tiveram essa chance, porém. Os empregados sabiam com que tipo de gente lidavam... e devolviam, golpe por golpe, as tentativas contrárias.

Os patrões, enfim, cansaram. Resolveram aguardar o dissídio coletivo. Com isso, somente no sábado, 17, os jornais voltariam às bancas da Guanabara.

SOLIDARIEDADE

Nos seus contatos com os dirigentes do Sindicato dos Gráficos, os patrões invocaram insuficiência de recursos para atender ao aumento solicitado pelos empregados. Seus juristas folhearam, exaustivamente, textos em busca de leis inquisitoriais que lhes autorizasse a decapitação dos empregados. Seus contatos e "public relations" lançaram-se em campo para aliciar o apoio governamental, que, preocupado em manter suas bases políticas, preferiu uma posição cômoda, tudo oferecendo às partes em litígio, sem nada conceder a nenhuma.

Mas desde o início sentiu-se que o calor oficial bandeava-se mais para os lados dos grevistas. E foi isso, em grande parte, que assustou, ainda mais, os sempre apavorados patrões.

Mas por que governo simpatiza com grevista?

Iso tem uma explicação. Desde a eclosão da parede, gráficos e jornalistas receberam manifestações de solidariedade de outras categorias profissionais. Metalúrgicos radialistas, estivadores, aeronautas, ferroviários, marceneiros, marítimos, bancários, securitários, portuários, ferroviários, telegrafistas, etc., foram levar sua solidariedade às duas categorias em greve.

Diante dessa manifestação maciça, o governo não tinha porque pensar duas vezes... E as autoridades puseram-se em campo para "resolver" o caso, dando inteira garantia aos grevistas e aos patrões, oferecendo a chamada "saída honrosa".

Quando, no dia 17, patrões e empregados reuniram-se no Tribunal Regional do Trabalho, ninguém tinha dúvidas de que a vitória estava assegurada aos últimos.

E assim ocorreu. Cairam por terra as cláusulas contrárias aos interesses dos profissionais.

Algumas restrições foram feitas a sentença do TRT. Mas para essa primeira etapa, foi considerada uma vitória razoável.

PASSEATA DA VITÓRIA

Por volta das 17 horas de sexta-feira grande parte da Av. Rio Branco teve seu trânsito paralisado. Eram os gráficos e jornalistas que, em passeata, regressavam aos seus sindicatos, após o julgamento no TRT. Dezenas de cartazes e faixas, centenas de trabalhadores satisfeitos com o desfecho da luta.

Pouco antes, algumas horas antes, a polícia havia comparecido. Tentou resolver a concentração em frente ao TRT. Não conseguiu. Durante mais de uma hora cercou com seus choques a multidão entusiasmada.

Finalmente, retirou-se. Ordem superior...

Três ou quatro horas depois voltavam os jornais a funcionar. No dia seguinte, sábado, começavam as demissões de repórteres, redatores, revisores, arquivistas. Criação de cem profissionais receberam comunicação nesse sentido, apesar dos empregados terem prometido que não demitiriam ninguém. Na segunda-feira imediata, algumas empresas passaram a reconsiderar o problema... Melhor para elas, pois dezembro está se aproximando...